

Arnold Bennett

◆

COMO
EFICIÊNCIA
MENTAL
VIVER

◆



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Arnold Bennett

♦

COMO
EFICIÊNCIA
MENTAL
VIVER

♦



EFICIÊNCIA MENTAL

E OUTRAS DICAS PARA HOMENS E MULHERES

ARNOLD BENNETT

Tradução: Cristina Yamagami
Capa: Luis Negreiros (www.luisnegreiros.com.br)

Traduzido de *Mental Efficiency and Other Hints to Men and Woman* (1911)
<http://www.gutenberg.org/ebooks/23347>

Copyright © 2015 Cristina Yamagami
Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

Capítulo I: Um apelo aos leitores – o cultivo da mente

Capítulo II: A expressão da individualidade

Capítulo III: Rompendo com o passado

Capítulo IV: Adote um estilo de vida mais regular e seguro

Capítulo V: Sobre o casamento

Capítulo VI: Sobre os livros

Capítulo VII: Sobre o sucesso

Capítulo VIII: As “artificialidades mesquinhas”

Capítulo IX: O segredo do contentamento

CAPÍTULO I: UM APELO AOS LEITORES: O CULTIVO DA MENTE

Se existe alguma virtude nos anúncios – e um jornalista deve ser a última pessoa a dizer que tal virtude é inexistente –, a nação americana vem rapidamente atingindo um estado de eficiência física que o mundo talvez não visse desde Esparta. Em todos os jornais diários americanos e todas as publicações mensais americanas, são inúmeros os anúncios ilustrados de “especialistas da fisicultura” preconizando sua capacidade de fazer todos os órgãos do corpo exercerem suas funções com a incrível precisão de um veículo motorizado que nunca quebra de 60 cavalos-vapor. Outro dia mesmo vi um livro escrito por um desses especialistas prometendo ensinar como atingir a saúde perfeita dedicando apenas um quarto de hora por dia a determinados exercícios. Os anúncios só fazem se multiplicar e aumentar de tamanho. E custam uma fortuna. Pode-se concluir que eles devem angariar um grande volume de negócios.

Uma multidão de pessoas deve estar preocupada com a ineficiência do corpo e em busca de atingir a eficiência. Vemos o mesmo fenômeno na Inglaterra, ao nosso estilo britânico mais comedido. E o fenômeno está crescendo. Os nossos músculos também estão crescendo. Surpreenda um homem de manhã no quarto e o encontrará deitado de costas no chão, de ponta cabeça ou levantando pesos em busca da eficiência física. Lembro-me de uma época na qual eu mesmo mergulhei nesse caminho da busca pela eficiência física. Eu também deitei no chão, com minha delicada epiderme separada do tapete apenas por trajes do tecido mais fino, e me contorci seguindo os quinze diagramas de um grande quadro (que se acreditava ser a carta magna da eficiência física) diariamente após o barbear. Em três semanas meus colarinhos mais não conseguiam conter meu robusto pescoço, digno de um campeão de boxe. Meu alfaiate usufruiu de lucros imensos e cheguei à conclusão de que eu tinha levado a eficiência física um pouco longe demais.

Estranho, não acha? Que eu nunca tenha tido a ideia de dedicar um quarto de hora por dia depois de me barbear à busca da eficiência *mental*. O corpo em geral é uma máquina bastante complexa, lastimavelmente imperfeita, mas sempre suscetível ao cultivo, ou à cultura. Já a mente em geral costuma ser muito mais complexa, não menos lastimavelmente imperfeita, mas talvez

ainda mais suscetível ao cultivo. Comparamos os nossos braços com os braços do cavalheiro na ilustração do anúncio preconizando a eficiência física e murmuramos com os nossos botões a frase clássica: “Não dá para continuar assim!” E começamos a desenvolver os músculos dos nossos braços até podermos exibi-los (por baixo de uma sobrecasaca) às mulheres no chá da tarde. Talvez não nos ocorra, contudo, que a mente também tem seus músculos e muitos outros aparatos e que esses órgãos mentais invisíveis, porém de importância suprema, são muito menos eficientes do que deveriam ser. Que alguns estão atrofiados, outros passaram fome, outros estão fora de forma e assim por diante.

Um homem de ocupação sedentária sai para uma longa caminhada na segunda-feira de Páscoa e à noite está tão exausto que mal consegue comer. Ele se apercebe da ineficiência de seu corpo, fruto de sua negligência, e fica tão chocado que resolve tomar medidas corretivas. Ele decide ir a pé para o escritório, jogar golfe ou fazer exercícios pós-barba. Vejamos, contudo, o que acontece com esse mesmo homem que, depois de uma longa temporada sedentária alimentando-se apenas de jornais, revistas e romances, leva sua mente para uma rigorosa escalada pelas montanhas rochosas de algum assunto científico, filosófico ou artístico. O que ele fará? Será que passará o dia inteiro fora e voltará à noite exausto demais até para ler seu jornal? De modo algum. Às dez para uma, lutando para tomar fôlego depois de um quarto de hora, ele nem chega a persistir até renovar as energias, mas volta correndo para casa. Será que ele vai notar com autêntica preocupação que sua mente está lastimavelmente fora de forma e que ele precisa tomar providências urgentes para resolver a situação? De modo algum. É quase certo que ele vai aceitar tranquilamente a situação, sem se envergonhar e sem qualquer arrependimento pungente. Será que já ficou claro o que estou tentando dizer?

Digo “sem qualquer arrependimento pungente” porque o nosso herói sem dúvida será tomado de um arrependimento indefinido ao se perceber vitimado por uma ineficiência mental que poderia, sem grandes dificuldades, ser curada. Esse arrependimento indefinido emana como um vapor a partir do grupo mais culto do público. Ele deve ser detectado por toda parte, especialmente entre as pessoas que estão mais próximas da clínica de reabilitação da vida. Essas pessoas percebem a existência de imensos volumes de conhecimento, sendo que elas mesmas não se apropriam nem da mais

ínfima partícula de todo esse cabedal.

Eles fazem incursões saindo de seus lares metódicos em uma noite estrelada e se admiram vagamente com o céu. No entanto, a vizinha insistente lhes diz que, apesar de essas pessoas terem lido no jornal que há cinquenta mil estrelas nas Plêiades, elas sequer são capazes de apontar as Plêiades no céu. Como eles gostariam de entender a teoria nebular, a mais impressionante de todas as teorias! E os anos passam. Cada dia tem 24 horas, dos quais as pessoas só trabalham seis ou sete. E basta um impulso, um esforço, um sistema, para ir curando a mente da inação, para tonificar seus músculos e possibilitá-la se maravilhar com os esplendores do conhecimento e o prazer resultante! Mas o arrependimento não é pungente a ponto de motivar a ação. E eles não fazem nada. Eles continuarão sem fazer nada. É como se passassem a eternidade ladeando uma mesa sem fim repleta de guloseimas e fossem incapazes de estender a mão para pegar uma iguaria. Você acha que estou exagerando? A maioria de nós não tem, enraizada nas profundezas da consciência, a lastimável sensação de que a nossa mente é como o fígado letárgico descrito no anúncio. E existe alguma desculpa para a letargia da nossa mente fora a incompetência, a falta de tempo, a falta de oportunidade ou a falta de recursos financeiros?

Por que algum especialista em eficiência mental não se oferece para nos mostrar como obrigar a nossa mente a fazer o trabalho que ela sem dúvida é capaz de fazer? Não me refiro a um charlatão. Nem todos os especialistas em eficiência física que anunciam em jornais são charlatões. Alguns obtêm resultados bastante confiáveis. Se um tratamento pode ser concebido para o corpo, um tratamento também pode ser concebido para a mente. Com isso poderíamos concretizar algumas das ambições que todos temos no que diz respeito à utilização, no nosso tempo livre, dessa magnífica máquina que deixamos enferrujar no interior do nosso crânio. Desejamos nos aperfeiçoar, aprimorar a nossa carreira com os méritos do conhecimento e do bom gosto. Quantos de nós não ficariam satisfeitos em estudar a sério algum campo do conhecimento para não morrerem com a acusação de terem vivido e morrido sem saber nada de nada! Não é a ausência de desejo que impede essas pessoas. É, em primeiro lugar, a ausência de força de vontade – não a vontade de começar, mas a vontade de persistir – e, em segundo lugar, um aparato mental fora de forma, balofo e cheio de ervas daninhas por pura negligência.

A solução é composta de duas partes: o cultivo da força de vontade e o condicionamento do aparato mental. E esses dois ramos da cura devem ser trabalhados simultaneamente.

Estou certo de que as ponderações que apresentei a você já devem ter se apresentado a dezenas de milhares dos meus leitores e que milhares deve ter tentado a cura. Não duvido que muitos conseguiram. Eu consideraria um favor se os leitores que se interessam pelo assunto me escrevessem para me contar de sua experiência, seja qual foi o resultado. Farei o melhor uso possível das cartas que receber e relatarei a minha própria experiência.

As respostas

A correspondência que recebi em resposta ao meu apelo mostra que eu de forma alguma exagerei nas minhas observações. Uma ampla massa de pessoas ponderadas deste país tem uma clara consciência de que somos mentalmente menos que eficientes e um grande desejo (embora ineficaz) de eliminar tal ineficiência mental. O desejo é mais forte do que eu tinha imaginado, mas não parece estar levando a muita ação até o momento. E constatei que um “tratamento para a mente” que nos levará a “concretizar algumas das ambições que todos temos no que diz respeito à utilização, no nosso tempo livre, dessa magnífica máquina que deixamos enferrujar dentro do nosso crânio”... esse tratamento desejado pelo jeito ainda não foi concebido por ninguém. O Sandow[*] do cérebro ainda não surgiu no horizonte. Por outro lado, parece haver uma expectativa geral de que eu pessoalmente assumo o papel do “Sandow do cérebro”. Vã esperança!

Tenho me interessado muito pelas cartas que recebi, algumas das quais, como uma expressão do tema em questão, são admiráveis. Talvez não seja de se surpreender que as melhores cartas tivessem sido escritas por mulheres, já que (fora o talento), as mulheres costumam ser mais poéticas e em contato com suas emoções no que diz respeito ao desejo de atingir um ideal. A carta mais efusiva que recebi, contudo, foi de um cavalheiro declarando acreditar que deveríamos atingir a eficiência mental pela hipnose. Depois de defender a criação de “uma instituição de psicologia prática com uma equipe de pessoas qualificadas e aptas empenhadas em desenvolver o mecanismo mental subconsciente de crianças e até adultos”, esse hipnotizador explica: “Entre o acadêmico, cuja especialidade é um emaranhado inconsequente; o médico,

que acredita ser o pai adotivo lógico de todos os assuntos psiconômicos[†]; e o espalhafatoso professor universitário que ensina macaquices a alguns sonâmbulos no palco de uma casa de espetáculos, o senhor está deixando passar despercebido um dos fatores mais importantes do desenvolvimento mental”. Será que estou mesmo? Não tenho a menor ideia do que esse cavalheiro quer dizer, mas posso lhe garantir que ele está errado. Tive mais facilidade de entender as observações de outro correspondente que, desprezando abertamente as questões da mente, compara uma certa classe de jovens com um “um balofo inútil cheio de banha” e afirma que ele próprio “escapou da indolência” por força de descarregar dez toneladas de carvão em três horas e meia todos os dias durante vários anos. A ideia é interessante e construtiva, mas eu diria que é um tanto quanto irrelevante.

Uma senhora, cujo otimismo é indicado por seu pseudônimo, “Esperança”, parece conseguir identificar a essência da coisa, ou melhor, uma das essências, em uma carta bastante sensata. “Parece-me”, diz ela, “que a maior causa da ineficiência mental é a falta de concentração, talvez especialmente no caso das mulheres. Posso dizer que meus principais defeitos têm origens nessa causa. A concentração é um talento. Ela pode ser em certa medida cultivada, mas precisa ser inata... A grande maioria de nós vive em um estado de semiletargia, com uma mente que só é usada, no máximo, na metade de sua capacidade”. Concordo plenamente que a incapacidade de se concentrar é um dos principais sintomas de uma máquina mental fora de forma. A cura sugerida por “Esperança” é bastante drástica.

Ela diz: “Talvez uma das melhores curas para o sedentarismo mental seja a aritmética, pois nenhuma outra atividade requer maior poder de concentração”. A aritmética até pode ser uma cura eficaz, mas não é uma cura prática, porque ninguém, ou praticamente ninguém, se disporia a praticá-la. Não consigo imaginar um homem comum que, tendo um par de horas lhe sobrando à noite e tendo também o desejo sincero, mas não a força de vontade suficiente, para aprimorar seu discernimento e conhecimento, se disporia deliberadamente a fazer operações aritméticas a título de uma ginástica calistênica preliminar para a mente. Como disse a marionete de Ibsen[‡]: “As pessoas simplesmente não fazem esse tipo de coisa”. Por que não? A resposta é: simplesmente porque não fazem; simplesmente porque a natureza humana não fui imbuída dessa propensão. A sugestão de “Esperança” de aprender

poesia é um pouco melhor.

A melhor carta que recebi sem sombra de dúvida foi da senhorita H. D., que diz: “Tive essa mesma ideia [de evitar a acusação de ‘ter vivido e morrido sem saber nada de nada’] quando ainda era uma garotinha. E, olhando para trás, eu imagino que foi essa ideia que me estimulou a fazer alguma coisa neste mundo, a entrar em sintonia com pessoas que fizeram coisas, pessoas que pintaram quadros, escreveram livros, construíram pontes ou fizeram algo incomum. Desde então me parece que a minha vida tem um sentido”. Neste ponto, devo intervir e objetar que tal declaração é um tanto radical. Com efeito, a ideia varre toda uma série de belas e legítimas ambições diretamente para o monte de lixo de tudo o que não vale a pena. Penso que a correspondente deve se beneficiar de ajustar seu pensamento. Ela prossegue: “E, quando chega o dia em que não me dediquei a alguma leitura séria, mesmo que em pequena medida, ou a alguma escrita... ou estive triste ou entorpecida demais para notar o esplendor da cor do sol, da grama e das flores, do mar ou do luar refletido na água, acredito que esse dia foi desperdiçado. Em consequência, sou levada a acreditar que o incentivo de fazer um pouco a mais que o normal, dia após dia, na direção do verdadeiro cultivo da mente é o início da cura ineficiência mental”. A ideia é bastante inventiva e astuta. Ela explica: “O dia virá em que o hábito mental terá se tornado uma parte da nossa vida e nós valorizaremos o trabalho mental apenas por suas vantagens intrínsecas”. Eu, por minha parte, não estou tão certo disso. Penso que nunca valorizei o trabalho só por suas vantagens intrínsecas e que isso jamais acontecerá. E só valorizo esse trabalho mental devido à consciência mais plena e mais intensa de estar vivo que resulta desse trabalho.

As soluções propostas pela senhorita H. D. são vagas. Segundo ela, no que se refere à falta de força de vontade, “o primeiro passo é admitir a nossa fraqueza; o próximo passo é nos envergonhar das nossas imperfeições”. Eu duvido, duvido seriamente, que essas medidas possam levar a qualquer resultado concreto. E a sugestão que se segue também não ajuda muito: “Eu aconselharia a leitura, a observação, a escrita. Eu aconselharia o uso de todos os sentidos e todas as faculdades para finalmente nos dar conta da sacralidade da vida”. Esse argumento não passa de uma retórica falaciosa. Se o mero desejo nos levasse a criar o hábito regular e sério da leitura, observação, escrita e a utilização de todas as faculdades e sentidos, a ineficiência mental

seria reduzida ao mínimo. Vejo que devo ser levado a criar um programa com base nas minhas próprias experiências amargas e ridículas.

A cura

*“Mas tarefas em horas de introspecção desejosa
Podem ser realizadas em horas de melancolia”.*

Os versos acima, de Matthew Arnold, foram citados por um dos meus numerosos correspondentes para corroborar um certo otimismo na questão da tentativa sistemática de aperfeiçoar a mente. Eles fazem parte de um belo e inspirador poema, mas temo seriamente que a ideia seja incompatível com a enorme montanha de experiências terrenas. Tenho constatado com muita frequência que uma tarefa em horas de introspecção desejosa não pode ser realizada em horas de melancolia. Não, não e não! É fácil desejar: basta um contágio momentâneo proveniente de um espírito mais forte que o nosso. A grande dificuldade está em transformar esse desejo em ação manhã após manhã, noite após noite, no decorrer de meses e anos... e nenhum dos meus leitores discordaria de mim.

No entanto, a natureza humana possui uma qualidade tão elástica que a maioria dos meus correspondentes se mostra propensa a ignorar esse triste fato e clamar: “O que devemos desejar? Diga-nos o que desejar!” Alguns parecem acreditar que resolveram o problema usando determinados sistemas de memória e treinamento da mente. Tais sistemas podem ser, por si só, úteis ou inúteis – as evidências que me foram apresentadas são contraditórias –, mas, estão longe de ser sistemas perfeitos. Afinal, um homem não pode renascer intelectualmente meramente se matriculando em um curso de memória. Até o melhor sistema é completamente dependente do poder de decisão do homem. E o que mais importa não é o sistema, mas o espírito com o qual o homem o aborda. O espírito apropriado só pode ser induzido por uma cuidadosa ponderação e um meticuloso diagnóstico das condições do homem ou, em outras palavras, as limitações de seu temperamento, a intensidade das influências adversas e as lições de seu passado.

Vejamos o exemplo de um caso mediano. Vejamos o seu caso, oh, homem ou mulher na casa dos 30, vivendo confortavelmente, com algumas preocupações, algumas responsabilidades, algum trabalho duro todos os dias, mas sem muita preocupação, responsabilidade ou trabalho duro! A questão da

eficiência mental está no ar. Você se interessa por ela. Ela quase chega a afetá-lo. A sua consciência lhe diz que a sua mente é menos ativa e menos informada do que poderia ser. Você salta de repente da sua cadeira de jardim e diz a si mesmo que vai assumir as rédeas da sua mente e fazer algo a respeito. Mas espere aí. Volte a se acomodar naquela cadeira de jardim e passe mais um tempinho segurando aquela raquete de tênis. Você já teve esses “lampejos de iluminação” antes, você sabe. Você não chegou aos 30 sem ter tentado realizar nobres resoluções... e fracassado. Quais precauções você pretende tomar para evitar o fracasso dessa vez? Digo isso porque a sua força de vontade provavelmente não é mais forte agora do que já foi antes. Você já admitiu e aceitou o fracasso no passado. E nenhuma ferida é mais cruel para o espírito da determinação que o fracasso. Você gostaria de manter a ferida fechada, mas justamente no momento crítico ela pode reabrir e sangrar até a morte. Quais são as suas precauções? Você já pensou nelas? Não. Você não pensou.

Não tenho o prazer de conhecê-lo pessoalmente, caro leitor, mas conheço você porque me conheço. Uma ou mais de três causas principais levou ao seu fracasso no passado. A primeira causa foi começar tentando fazer demais. Você começou com um programa magnífico. Afinal, você é quase um especialista em exercícios físicos – e se envergonharia de não o ser, nesta nossa época que tanta ênfase dá ao condicionamento físico – e jamais se aventuraria a participar de uma corrida de obstáculos ou passar uma hora ininterrupta jogando tênis sem alguma preparação. Você deve ter se impressionado com a analogia entre o corpo e a mente. Dessa vez, por favor, não crie um programa elaborado. Não crie programa algum. Contentese com um simples trote preliminar, um trote preliminar ridiculamente fácil. Por exemplo (e é só um exemplo), você pode dizer para si mesmo: “Daqui a um mês terei lido duas vezes o livrinho de Herbert Spencer[8] sobre a ‘Educação’ – que posso comprar por meros seis pence – e terei feito anotações a lápis na contracapa apontando os trechos que mais me impressionaram”. Você observa que isso não é nada, que você consegue fazer “com os pés nas costas” e assim por diante. Bem, então faça. Quando o fizer, você sairá, de um jeito ou de outro, com a satisfação de ter resolvido fazer alguma coisa e concretizado a sua resolução. A sua mente terá ganhado tônus e um orgulho saudável. Você até pode usar essa motivação para impor-se algum tipo de programa simples

que se estenda por, digamos, três meses. E terá dominado alguns princípios gerais para orientá-lo na elaboração do seu programa. Mas o melhor de tudo será que você terá evitado o fracasso, essa perigosa ferida.

A segunda causa possível do seu fracasso no passado foi o efeito desintegrador sobre a sua força de vontade do sorriso irônico e superior dos amigos. Sempre que um homem “vira a página” ele é forçado a enfrentar esse sorrisinho idiota. O bêbado pode se envergonhar menos de se embriagar do que de anunciar a um colega que decidiu ficar sóbrio. Bizarro, mas é verdade! E a natureza humana nunca falha. É claro que, para alguns espíritos austeros, o efeito desse sorriso só lhes reforça a resolução. No entanto, para a maioria, a influência é deletéria. Portanto, não saia por aí hasteando a sua bandeira no mastro. Não levante bandeira alguma. Não diga nada. Seja o mais discreto que puder. Você pode começar a agitar a bandeira depois de ter vencido uma batalha ou duas e constatará que aquele sorrisinho superior desprezível, lastimável e irônico vai morrer antes de nascer.

A terceira causa possível é que você não reorganizou o seu dia. Por mais que tenha sido ocioso e tenha desperdiçado o seu tempo, você com certeza fez alguma coisa nas 24 horas do dia. Você foi trabalhar com uma vaga e equivocada ideia de que o dia tem 26 horas. Alguma atividade considerável e concreta deve ser abandonada. Você precisa abrir uma clareira na selva do seu dia para dar espaço a novas atividades. Privar-se de sono não o ajudará em nada, nem tentar “espremer” um tempo para estudar entre duas outras atividades. Empunhe a faca e use-a livremente. Se você quiser ler ou pensar meia hora por dia, livre uma hora do seu dia. Uma margem de 100% não é demais para um iniciante. Você me pergunta onde deve aplicar a faca. Devo dizer que em nove de cada dez casos os rituais do culto ao corpo podem ser abreviados. Não faz muito tempo que passei um fim de semana em um subúrbio de Londres e me espantei com toda a atenção indiscriminada dedicada à recreação física em todas as suas formas. Foi uma verdadeira orgia dos músculos. Fiquei chocado. “Pobre mente que fenece!”, pensei. “Críquete e futebol, passeios de barco e jogos golfe e tênis têm suas ‘temporadas’, mas não aqui!” Essas ponderações são genéricas e introdutórias. Devo, aqui, entrar em detalhes.

Já falei do estado de espírito com o qual se deve dar início a uma séria iniciativa voltada a melhorar a eficiência mental e também das prováveis causas do fracasso nas tentativas anteriores. Chegamos agora ao que posso chamar de “calistenia mental”, exercícios que podem comparados, em linhas gerais, com os exercícios técnicos necessários para aprender a tocar um instrumento musical. É curioso que uma pessoa que esteja estudando um instrumento musical não sinta qualquer falsa vergonha de ocupar seu tempo em exercícios simples para os dedos e pulsos, enquanto uma pessoa que esteja tentando botar ordem na casa de sua mente quase com certeza sentirá uma falsa vergonha de se dedicar a exercícios que sem dúvida lhe farão bem.

Aqui reside um dos maiores obstáculos à eficiência mental. Diga a um homem que ele deve fazer um curso de memória e ele vai hesitar, gaguejar e dizer, como já observei, que a memória não é tudo e ele acabará não fazendo o curso de memória em parte devido à indolência, admito, mas mais pela falsa vergonha. (Não é verdade?) Ele até hesitará em aprender a memorizar. No entanto, poucos exercícios mentais são melhores que memorizar poesia ou prosa. Vinte versos ou linhas por semana durante seis meses: uma excelente “cura” para a debilidade! O principal, mas não o único, mérito da memorização como um exercício é que a mente é obrigada a se concentrar. E o pré-requisito mais importante para o autoaperfeiçoamento é a capacidade de se concentrar quando quiser. Outro excelente exercício é ler uma página de qualquer coisa e imediatamente anotar – nas próprias palavras ou nas palavras do autor – o que você conseguir se lembrar do conteúdo. Quinze minutos por dia! Não mais do que isso! E funciona como mágica.

Isso me leva ao departamento da escrita. Sou um escritor por profissão, mas não acho que eu tenha qualquer preconceito a favor do exercício da escrita. Na verdade, digo a mim mesmo toda manhã que se existe um exercício no mundo que odeio é o exercício da escrita. Devo afirmar, no entanto, que na minha opinião o exercício da escrita é uma parte indispensável de qualquer tentativa séria de melhorar a eficiência mental. Para mim não faz muita diferença se você escreve ou não, contanto que componha frases e atinja uma continuidade. Há quarenta maneiras de escrever sem ser um profissional e todas são razoáveis. Você pode escrever um “diário completo”, como o senhor Arthur Christopher Benson[**] alega fazer. O diário pessoal é uma das formas menos eficazes de escrita. Salvo em mãos experientes como

as do senhor Benson, um diário pessoal pode ser escrito com o mínimo de esforço mental. O diário pessoal também tende exacerbar a vaidade e, se o autor se permitir mentir, o diário pessoal tende a ser incoerente. Além disso, nunca se sabe quando alguém pode ser obrigado a apresentá-lo como uma prova em um tribunal. É melhor escrever um diário impessoal, objetivo. Não me peça para definir a diferença entre um diário pessoal e um diário impessoal. Não o farei e não tenho como. Todo mundo sabe a diferença instintivamente. Em um diário pessoal, o autor trata exclusivamente de si mesmo e de suas ações enquanto um diário impessoal é mais amplo e registra tudo o que seu autor observou e considerou interessante. Em um diário pessoal, o autor conta que comeu maionese de lagosta no jantar e acordou na manhã seguinte com dor de cabeça, um sintoma sem dúvida atribuível à tensão mental. Já em um diário impessoal, o autor relata que a senhora ____, que o autor levou para jantar, tinha olhos castanhos e um charmoso hábito de jogar a cabeça para trás depois de fazer uma pergunta e registra como ela descreveu as estranhas aventuras do marido em Colorado, etc.

Um diário pessoal só fala de mim, de mim, de mim, de mim e de mim mesmo (para citar um verso da poesia transcendental de Mary Baker G. Eddy[††]). Já um diário impessoal fala do grande espetáculo da vida. Um diário impessoal pode ser específico ou genérico. Sei de um homem que registra em um diário impessoal todos os casos de superstição que encontra. Ele começou a registrar suas observações sem suspeitar que estava prestes a criar um documento de interesse impressionante e grande valor científico. Além de um diário pessoal ou um diário impessoal, pode-se escrever ensaios (se o autor tiver a coragem moral necessária) ou pode-se simplesmente fazer anotações nos livros que lê. Ou pode-se criar antologias de passagens que achar interessantes. Criar uma antologia é um dos passatempos mais agradáveis que uma pessoa que não seja fanática por golfe ou pôquer – ou seja, uma pessoa pensante – pode ter e o recomendo a todos aqueles que, suspeitando judiciosamente de seu poder de manter um ritmo acelerado do começo ao fim, estejam ansiosos para dar início à sua jornada intelectual com delicadeza e moderação. Em qualquer caso, escrever – o ato da escrita – é vital para praticamente qualquer programa de desenvolvimento da eficiência mental. Eu diria que a escrita é vital para todos os programas, sem exceção, se eu não soubesse, sem sombra de dúvida, que algum gentil correspondente

imediatamente apontaria um programa para o qual a escrita claramente não é vital.

Depois da escrita vem a reflexão. (A sequência pode parecer estranha, mas me mantenho fiel a ela.) A esse respeito não posso fazer mais que citar uma admirável carta que recebi de um correspondente que deseja ser conhecido apenas como “Professor de Oxford”. Ele diz: “Enquanto um homem não tiver seu cérebro físico totalmente sob seu controle – suprimindo sua demasiada receptividade, suas tendências de reproduzir indolentemente os pensamentos alheios e de se deixar seduzir por cada rajada de emoção –, defendo que ele é incapaz de realizar um décimo do trabalho que seu cérebro seria capaz de realizar com pouco ou nenhum esforço. Além disso, sem o devido empenho, ele não terá entrado no próprio reinado e as infinitas possibilidades de desenvolvimento futuro lhes serão inacessíveis. A eficiência mental pode ser conquistada pela prática constante da reflexão – ou seja, concentrando a mente por, digamos, apenas dez minutos diários, mas com absoluta regularidade, em alguns dos pensamentos mais elevados dos quais o homem é capaz de se concentrar. Os fracassos serão frequentes, mas devem ser recebidos com indiferença e uma perseverança obstinada no caminho escolhido. Se esse caminho for seguido sem interrupções mesmo por algumas semanas, os resultados falarão por si só”.

Concordo plenamente com esse correspondente e lhe sou grato por ter apresentado o argumento com tamanha habilidade. No entanto, considero essa prática da meditação da forma como descrita por ele como sendo um exercício “avançado” e, portanto, não recomendável a um iniciante. Só depois que o iniciante entrou no caminho do autoaperfeiçoamento, ganhou um pouco de confiança em sua força de vontade e desenvolveu a capacidade de definir suficientemente seus pensamentos para registrá-los no papel, só então seria o momento, a meu ver, de tentar a sugestão do nosso “Professor de Oxford”. A propósito, ele recomenda vivamente a leitura do livro da senhora Annie Besant[1], *O poder do pensamento: seu controle e cultivo*. Diz ele que o livro trata o assunto com clareza científica e apresenta um método prático para treinar a mente. Endosso a última parte da afirmação.

Isso é o que tenho a dizer sobre os processos mais ou menos técnicos de remover a indolência da mente e treinar a mente para obedecer às aspirações da alma. E aqui encerro minha argumentação. Numerosos correspondentes me

pediram para esboçar um programa de leitura para eles. Em outras palavras, esses correspondentes querem que eu especifique as aspirações da alma deles. O tema do meu artigo, contudo, não foi o autoaperfeiçoamento. Meu tema foi a eficiência mental como um meio de autoaperfeiçoamento. Naturalmente, só se pode atingir a eficiência mental com um verdadeiro empenho direcionado a se autoaperfeiçoar. Discorri, contudo, não sobre a escolha do caminho, mas sim sobre a melhor maneira de seguir esse caminho. Você me diria que estou me ocupando do melhor método para andar e recusando-me a falar do destino. Justamente. Um homem não pode dizer a outro homem aonde esse outro homem quer ir.

Se for incapaz de decidir um objetivo, ele pode muito bem ficar deitado em posição fetal até morrer, porque o cerne da questão não está nele. Contentar-me-ei em observar que o universo inteiro está aberto à reflexão. Muitas pessoas imaginam que o autoaperfeiçoamento passa necessariamente pela literatura. Essas pessoas associam a vida distinta e respeitável a um conhecimento íntimo da vida de Charlotte Brontë ou da ordem das peças de Shakespeare. A vida distinta e respeitável pode muito bem incluir borboletas, costumes funerários, limites do condado, nomes de ruas, ou musgos, estrelas, lesmas, além de Charlotte Brontë ou Shakespeare. Escolha o que lhe interessar. Muitas pessoas bem organizadas e mentalmente eficientes não leriam Shakespeare nem se lhe pagassem em ouro e, se você lhes perguntasse quem escreveu *A moradora de Wildfell Hall*, elas poderiam responder orgulhosamente que foi Emily Brontë ou simplesmente diriam que nunca ouviram falar da obra. [§§] Um conhecimento preciso de qualquer assunto, aliado a uma noção cuidadosamente cultivada da relatividade do tema em relação a outros temas, requer um enorme autoaperfeiçoamento. Com essa dica, concluo meus argumentos.

CAPÍTULO II: A EXPRESSÃO DA INDIVIDUALIDADE

Um fato extremamente curioso e interessante de ser notado é que nunca se sabe a impressão que se está causando nos outros. Em muitas ocasiões é possível estimar com bastante precisão se a impressão criada é positiva, negativa ou indiferente – algumas pessoas me disseram que consideram esse exercício de adivinhação desnecessário –, mas não é a isso que me refiro. Refiro-me a muito mais que isso. Quero dizer que um homem não tem uma imagem mental correspondente à imagem mental que sua personalidade deixa na mente de seus amigos. Já ocorreu a você que existe um homem misterioso andando por aí, percorrendo as ruas, entrando em casas de chá, batendo papo, rindo, resmungando, discutindo... que todos os seus amigos conhecem esse homem e há muito tempo chegaram a uma conclusão definitiva sobre ele sem dizer mais que uma palavra cautelosa a você... e que essa pessoa é você? Supondo que você tenha entrado em uma sala onde você estava tomando chá, você acha que reconheceria à sua própria individualidade? Eu diria que não.

Você provavelmente pensaria consigo mesmo, como as pessoas pensam quando se incomodam com os outros: “Quem é esse sujeito? Ele parece um tanto quanto esquisito. Espero que ele não seja um chato”. E a sua primeira impressão seria um pouco hostil. Pense que, mesmo quando se vê de relance em um espelho inesperado com as mesmas roupas que vestiu naquele dia e que conhece bem, você quase sempre se choca ao perceber que aquela pessoa é você. E de vez em quando, quando você vai ao espelho arrumar o cabelo com a plena sobriedade dos primeiros minutos da manhã, não é verdade que você olha para um completo estranho e que aquele estranho desperta a sua curiosidade? E se isso acontece com detalhes externos precisos de forma, cor e movimento, por que o mesmo não aconteceria com o efeito vago e complexo da individualidade mental e moral?

Um homem tenta deixar uma boa impressão. Qual é o resultado? O resultado é meramente que seus amigos, na privacidade da mente deles, o definem como um homem que tenta deixar uma boa impressão. Se muito depender do resultado de uma única interação ou de algumas interações, é bem possível que um homem possa forçar outro a aceitar a impressão que ele gostaria de transmitir. No entanto, se o receptor da impressão tiver tempo à

sua disposição, o emissor da impressão pode muito bem se sentar e enfiar as mãos nos bolsos, pois nada que ele possa fazer vai alterar ou afetar de qualquer maneira a impressão que acabará transmitindo. A verdadeira impressão, no fim das contas, é transmitida inconscientemente, e não conscientemente. Além disso, ela também é recebida inconscientemente, e não conscientemente. A impressão que fica depende, em parte, dos dois lados: emissor e receptor. E é imutavelmente decidida de antemão. A dissimulação, no final, é impossível. Vejamos um exemplo extremo, o caso de uma mãe e seu filho. Dizem que o filho ludibria a mãe. De modo algum. Ele pode ser o que for – cruel, negligente, arrogante... – e ela estará perfeitamente ciente disso. Ele não a engana e ela não engana a si mesma. Não é raro eu pensar: se um filho pudesse olhar para o coração de sua mãe, que grande surpresa ele não teria! “O quê?!?”, ele exclamaria. “Essa avaliação fria e imparcial, essa visão aguçada dos meus defeitos, essa memória implacável dos menores deslizes e injustiças e de insensibilidades cometidas muito tempo atrás, no coração de minha mãe!” Sim, meu amigo, no coração de sua mãe. A única diferença entre a sua mãe e os outros é que ela o aceita como você é e o ama como você é. Ela não é cega. Jamais pense isso.

O que mais me admira não é que as pessoas sejam tão ineficazes como juízes do caráter alheio, mas, pelo contrário, que elas possam ser juízes tão eficazes, especialmente do que eu poderia chamar de “caráter fundamental”. A pessoa mais astuta não pode ocultar para sempre seu caráter fundamental nem mesmo da pessoa mais obtusa. E as pessoas também são juízes bastante severos. Pense nos seus melhores amigos... Você é cego aos defeitos deles? Pelo contrário, você talvez seja demasiado ciente deles. Quando pensa nos seus amigos, não é nenhuma criação ideal que você vê na sua tela mental. Quando conversa com eles, você se põe constantemente a fazer reservas aos aspectos que desaprova neles. A menos, é claro, que você seja uma garotinha apaixonada transbordando de entusiasmo. Cabe lembrar, quando se julga um amigo, que ele também o julga com a mesma imparcialidade divina e superior. Cabe reconhecer que você vive a sua vida sob o escrutínio de um bando de conhecidos que têm muito poucas ilusões a seu respeito e cuja opinião de você provavelmente será dura e até cruel.

Acima de tudo, é aconselhável saber que os aspectos da sua individualidade que mais incomodam seus amigos são aspectos que você

ignora totalmente. É só com o passar dos anos que começamos a formar uma vaga ideia de como somos vistos pelos amigos. Ao chegar aos 40, pensamos na época em que tínhamos 30 e dizemos, melancólicos porém com certo divertimento: “Devo ter sido muito grosseiro dez anos atrás. Agora vejo como devo ter exasperado meus amigos. E mesmo assim eu não fazia a menor ideia na época. As minhas intenções eram as melhores. Só que eu não sabia o que sei agora”. E nos lembramos de algum ato particularmente grosseiro da nossa parte e nos martirizamos... Sim, isso tudo é muito natural e o conhecimento que acompanha o avanço da idade é muitíssimo satisfatório. Mas agora você tem 40 anos. O que deverá pensar sobre si mesmo olhando para trás aos 50? Reflexões como essas cultivam a humildade e também a relutância a pisar no calo dos outros, uma qualidade que não tenho como enaltecer demais.

Um momento atrás, usei a expressão “caráter fundamental”, que tem origens na expressão “decência fundamental”, de Stevenson.[***] E esse é o derradeiro teste com o qual julgamos os amigos. “No fim das contas, ele é um sujeito ‘decente’.” Precisamos ser capazes de dizer isso sobre os nossos amigos. Um bom coração não é a mais elevada das qualidades humanas – e em geral seu efeito sobre o progresso da humanidade não é completamente benéfico –, mas é a mais elevada das qualidades humanas na amizade. É qualidade menos dispensável. Recorremos a ela aliviados, vindos de qualidades mais grandiosas. E um bom coração tem a grande vantagem de sempre acompanhar uma cabeça aberta. Pessoas tacanhas nunca têm um bom coração. Você pode tender a contestar essa afirmação. Se for o caso, por favor, repense a sua posição, porque tendo a defender meu ponto de vista.

Podemos perdoar a ausência de qualquer qualidade exceto a ausência de um bom coração. E, quando um homem não a possui, nós o culpamos e nos recusamos a perdô-lo. Essa ausência é, naturalmente, uma infâmia. Um homem nasce como nasce. E pode adicionar um cúbito à sua estatura com a mesma facilidade que adiciona a bondade ao seu coração. Nunca ninguém conseguiu nem conseguirá realizar tal façanha. Mesmo assim, culpamos as pessoas que não têm um bom coração. Temos a incrível, insuportável e odiosa audácia de culpá-los. Pensamos nessas pessoas como se elas não tivessem mais nada a fazer além de entrar em uma loja e comprar uma boa dose de bondade. Consigo ouvi-lo dizer daqui que um bom coração pode ser “cultivado”. Bem, odeio contradizer você, estimado leitor, mas um bom

coração só pode ser cultivado no sentido botânico. Não se pode cultivar violetas em um pé de urtiga. Um filósofo nos recomendou tolerar os insensatos.[†††] Seria mais proveitoso se ele nos recomendasse tolerar pessoas de má índole... Vejo que em um ataque de distração, me pus a divagar no púlpito. Desço dele agora.

CAPÍTULO III: ROMPENDO COM O PASSADO

Acordamos naquela manhã escura e instantaneamente nos ocorreu – ou pelo menos àqueles de nós que preservaram algumas das nossas ilusões e da nossa ingenuidade – que tínhamos razões para sustentar o nosso otimismo, alguma causa para manter uma vivacidade alegre e vigorosa. E lembramos que era o primeiro dia do ano e que poderíamos nos empenhar em realizar aquelas nossas Resoluções de Ano Novo! Naturalmente, todos nós sorrimos com superioridade à simples menção das Resoluções de Ano Novo. Fingimos que as nossas Resoluções não passam de brinquedos de criança e que há muito tempo deixamos de levá-las a sério como uma possível ferramenta para melhorar a nossa conduta.

No entanto, somos tamanhos impostores, tamanhos covardes morais e tão desprezíveis, tão aterrorizados de aparentar ingenuidade que não nos deixamos enganar pelos nossos sorrisos e fingimentos – pelo menos eu não me deixo ludibriar. Aquele que zomba das Resoluções de Ano Novo é como a mulher que afirma não olhar debaixo da cama à noite. Ele não diz a verdade e, no exato momento de sua mentira, caso seu crânio de repente ficasse transparente, veríamos as Resoluções queimando gloriosamente em seu cérebro como lâmpadas na Trafalgar Square. Disso estou convencido: de que dezenove de cada vinte de nós saíram da cama naquela manhã animados com aquele sentimento especial de vivacidade alegre e vigorosa que só as Resoluções são capazes de produzir. E dezenove de cada vinte de nós também estavam cientes de uma virtude elevada, esquecendo que não é fazer as Resoluções, mas sim mantê-las, que torna perdoável a consciência da virtude.

E nesse momento, apesar de a energia da Resolução ainda estar em pleno vigor, eu gostaria de insistir na obviedade, talvez manifesta, porém suscetível de ser negligenciada, de que um homem não tem como avançar e ficar parado ao mesmo tempo. Assim como os moralistas costumam censurar a tendência de viver no futuro, eu também gostaria de censurar a tendência de viver no passado. Porque por toda parte vejo homens amarrando-se cuidadosamente com uma corda que não pode ser rompida a um poste que não pode ser removido no pé de uma colina e ao mesmo tempo se empenhando para subir a colina. Se existe uma Resolução mais importante que as outras é a Resolução de romper com o passado. Se a vida não for uma negação contínua do

passado, ela não é nada. Pode parecer uma doutrina por demais severa e insensível, mas você já deve saber que alguns aspectos do bom senso são decididamente severos e insensíveis. E encontra-se constantemente em pessoas de bom senso (Oh, bando raro e seletivo!) uma qualidade surpreendente de brutalidade misturada com aspectos mais suaves. Você não percebeu? O passado é absolutamente incurável. Não se pode fazer nada a respeito. E uma atenção exagerada ao passado é como uma atenção exagerada aos sepulcros – um sinal de barbárie. Ademais, o passado costuma ser o inimigo da satisfação e a satisfação é a nossa mais preciosa conquista.

Eu, pessoalmente, chegaria a ponto de expressar minha hostilidade contra a tristeza e uma ainda mais notável hostilidade contra o remorso – dois estados de espírito que se alimentam do passado e não do presente. O remorso é diferente do arrependimento e nunca fui capaz de encontrar qualquer utilidade para ele. O que foi feito foi feito e ponto final. Como um grande prelado proferiu em uma frase famosa, “As coisas são o que são e suas consequências serão o que serão. Por que, então, tentar nos enganar...” achando que o remorso da maldade é algum exercício proveitoso e louvável? [???] É muito melhor esquecer. Na verdade, as pessoas “entregam-se” ao remorso, uma forma um tanto corrupta de prazer espiritual. O pesar é naturalmente diferente e deve ser objeto de delicada consideração. No entanto, quando vejo um homem ou uma mulher dedicando sua existência ao pesar pela perda de um ente amado e o mundo tacitamente aplaudindo, meu sentimento é sem dúvida de hostilidade. Na minha cabeça, esse homem ou mulher não está honrando, mas desonrando, a memória do ente querido que se foi. A sociedade sai prejudicada, a pessoa sai prejudicada e nenhum benefício terreno ou celestial é atingido. O pesar pertence ao passado. O pesar macula o presente, é uma forma de indulgência, e deveria ser muito mais contido do que costuma ser. O coração humano é tão vasto que a mera lembrança não deveria ter permissão de tiranizá-lo por completo.

Casos de remorso e pesar que a tudo consome são comparativamente raros, contudo. O que não é raro é a lealdade equivocada ao passado que domina a vida de muitos de nós. Não me refiro aos princípios mais importantes, que, se fossem submetidos a alguma alteração, a mudança nos incomodaria, mas me refiro às coisas secundárias mas ainda importantes. Não faremos isso ou aquilo porque nunca fizemos... como se fosse uma boa razão! Ou sempre

fizemos isso ou aquilo, portanto devemos continuar fazendo sempre... como se houvesse alguma lógica nisso! Essa tendência a um conservadorismo irracional é encontrada com curiosa frequência nos Radicais avançados e se revela nas menores insignificâncias. Lembro-me de um homem como esse, cuja esposa objetou ao estilo de chapéu que ele costumava usar (note o leitor que eu jamais ousaria caracterizar uma questão tão suprema quanto um chapéu como uma insignificância!).

— Minha querida, ele protestou. Sempre usei este tipo de chapéu. Pode não me cair bem, mas é absolutamente impossível para mim para alterar meu estilo agora.

Mesmo assim ela o arrastou para uma loja de chapéus, comprou-lhe outro tipo de chapéu, o pôs na cabeça do marido, deu o chapéu velho de presente ao vendedor e saiu resolutamente da loja com o marido.

— Pronto! — ela disse. — Viu como não foi impossível?

Isso não passa de uma parábola e não insultarei a sua inteligência aplicando-a à realidade.

A faculdade da qual mais precisamos quando estamos no clima de fazer resoluções é a faculdade da imaginação, a faculdade de olhar para nossa vida como se fosse pela primeira vez, com um olhar novo e diferente. Vamos supor que você já tenha nascido maduro e experiente e que ontem foi o primeiro dia da sua vida. Nesse caso, você consideraria o dia de hoje como um experimento, questionaria cada ato do seu dia e provavelmente planejaría o amanhã demonstrando um desrespeito saudável em relação ao ontem. Você sem dúvida não diria: “Fiz isso e aquilo no passado então preciso continuar fazendo”. O passado nunca é mais do que um experimento. Se tivermos uma profunda compreensão desse fato, as nossas novas Resoluções serão muito mais valiosas e drásticas do que costumam ser. Tenho uma vaga ideia de que a Resolução mais proveitosa para a maioria de nós seria quebrar uns 50% de todas as promessas que já fizemos. “Não se acostume a acorrentar sua volatilidade com promessas... Aceite essa advertência. Ela é de grande importância.” (As sábias palavras são de Johnson[§§§].)

CAPÍTULO IV: ADOTE UM ESTILO DE VIDA MAIS REGULAR E SEGURO

Outro dia uma famosa romancista inglesa me perguntou quantos anos eu achava que ela tinha, “de verdade”. “Bem”, pensei comigo mesmo, “como foi ela que perguntou, vai precisar engolir a resposta. Serei tão verídico quanto os romances dela”. Então respondi com audácia: “Trinta e oito”. Eu imaginava que estava errando, se é que estava errando, para o lado do “de verdade” e estremeci. Ela riu, triunfante. “Tenho quarenta e três”, ela anunciou. O incidente poderia ter acabado por aí se ela não tivesse arrematado: “E agora me diga quantos anos você tem”. Esse tipo de coisa é típico de uma mulher. As mulheres imaginam que os homens não têm reservas, não têm também suas pequenas vaidades.

Que grande erro! É claro que eu não poderia ser vencido por uma mulher no quesito franqueza. Fui forçado a me oferecer como um sacrifício no altar da curiosidade dela e o fiz com valentia, mas não sem hesitação. E o fato da minha idade permaneceu comigo, me preocupando, me obcecando. Vi com mais clareza do que antes o que a idade revelava sobre mim. Não pude continuar cego às implicações dos meus movimentos ao subir escadas e ao me vestir. Outrora a maioria das pessoas que via na rua parecia muito mais velha que eu. Agora é diferente. A mudança chegou despercebida. Existe uma geração mais jovem que fuma charutos e se apaixona. Impressionante! Outrora eu era capaz de passar uma hora e meia jogando tênis sem cair morto. Outrora eu era capaz de nadar 50 metros submerso em uma piscina. Incrível! Simplesmente incrível!... Será que a minha vida está chegando ao fim?

E pasme! Eu, aos quase 40 anos, já me faço as velhas perguntas relativas ao valor intrínseco da vida, as questões de importância fundamental: o que aprendi com as minhas experiências até agora? O que posso aprender com elas? Em resumo, qual é o valor da minha vida? Se você conseguir pensar em uma questão mais importante, fundamental e crucial do que essas, peço encarecidamente que me escreva contando. Inúmeros filósofos tentaram responder essas questões de uma forma geral para o homem comum e devem ter tido um relativo sucesso. É bem possível que eu me beneficiaria de uma leitura atenta das respostas por eles propostas. Mas você acha que eu vou lê-las? De maneira alguma! Você acha que eu tenho como me lembrar do

conhecimento que já li? De maneira alguma! A minha mente está completamente vazia no que diz respeito à sabedoria alheia sobre essa questão essencial. Estranho, não acha? Mas creio que seja uma experiência bastante comum. Além disso, na verdade não dou a mínima para a resposta de algum outro filósofo à minha pergunta. Neste caso, cada homem deve ser seu próprio filósofo. O profundo egoísmo da natureza humana vem acompanhado de um instinto que nos impede de aceitar respostas prontas. Que diferença faz o que Platão achava? Nenhuma. E assim a questão permanece eternamente renovada, eternamente sem resposta e eternamente de excepcional interesse. O fato mais peculiar, extremamente peculiar é que – e chego aqui ao meu argumento – tão poucas pessoas tentem responder a questão a tempo, que tantas pessoas só pensem em respondê-la tarde demais ou até cheguem a morrer sem tentar respondê-la.

Tenho a firme convicção de que uma imensa proporção dos meus instruídos companheiros humanos não só deixam de atingir o balanço de sua vida como até deixam de fazer um levantamento de sua vida. Eles seguem comprando e vendendo sem nem saber o que, a preços indeterminados, guardando e tirando dinheiro da gaveta sem contar. Eles não sabem quais mercadorias têm em estoque, quanto dinheiro têm em caixa, mas têm uma clara impressão de que a sala de estar nos fundos da loja não é de modo algum tão luxuosa e bem ventilada quanto eles gostariam que fosse. E assim passam os anos e eles nunca conseguem providenciar a bela mobília e o sistema de ventilação. Até que um dia eles morrem, os amigos vão ao funeral e observam: “Nossa! Que sala abafada! E a loja está cheia de lixo!” Ou, pouco antes de baterem as botas, eles ficam até mais tarde que o de costume na loja e decidem fazer um inventário e contar o caixa. Diante dos resultados, eles são tomados de decepção, se arrastam para a sala de estar e murmuram: “Jamais terei aquela bela mobília e jamais terei aquele sistema de ventilação que eu tanto queria. Se eu soubesse antes, teria pelo menos comprado algumas almofadas baratas e teria aberto um buraco na vidraça da janela. Mas é tarde demais. Estou acostumado com cadeiras duras sem estofamento e vou ter de aguentar a sala abafada”.

Se eu fosse propenso a discursar em defesa dos mais elevados padrões morais e éticos, e se eu não tivesse problemas demais, e se eu pudesse olhar as pessoas nos olhos e negar que eu também passei quase quarenta anos tentando

me conformar à grande política britânica de seguir aos trancos e barrancos torcendo para tudo dar certo... em suma, se a situação fosse outra, eu alugaria o Alhambra Theatre ou o Exeter Hall em uma noite de domingo – de preferência o Alhambra, que atrairia um público maior ao meu espetáculo – e convidaria todos os homens e mulheres com mais de 26 anos. Eu ofereceria à multidão fervilhante várias bebidas da preferência deles (exceto bebidas destiladas e venenos) e, quando todos estivessem em um estado de espírito amigável e expansivo, eu me dirigiria a eles da seguinte forma – e, é claro, na eloquência ressonante que daria inveja a John Bright[****]:

Senhoras e senhores (eu começaria), companheiros no passatempo universal de enterrar a cabeça na areia, estou prestes a lhes transmitir a essência da sabedoria humana. Não me refiro a alguma abstração, mas sim a um princípio de aplicação diária, capaz de afetar a rotina cotidiana na sua totalidade, desde o momento em que vocês acordarem de manhã até o momento em que pegarem no sono à noite. Guardem-se da esperança e guardem-se da ambição! Os dois são excelentes tônicos, se usados com moderação. No entanto, todos vocês sofrem de autocomplacência excessiva no primeiro caso e muitos de vocês estão acabando com a saúde no segundo caso. Exorto-os a se conscientizar, prezados homens e mulheres, de que a existência justificadamente considerada é um meio-termo justo entre dois instintos: o instinto de esperar finalmente viver um dia e o instinto de viver aqui e agora. Para a maioria de vocês, o primeiro instinto simplesmente agarrou o outro pelo pescoço e o está estrangulando.

Vocês podem se preparem para viver, se assim o desejarem, mas de maneira alguma se esqueçam de viver. Vocês jamais terão uma oportunidade melhor que o agora. Vocês podem achar que terão, mas estão enganados. Perdoem-me franqueza. Não acredito que vocês sejam ingênuos a ponto de imaginar que a estrada para lá da colina é mais bela que o trecho que estão percorrendo agora! Esperanças jamais são realizadas porque no ato da realização elas imediatamente se transformam em outra coisa. As ambições podem ser atingidas, mas as ambições atingidas são como o carvão queimado: 90% do calor gerado sai pela chaminé em vez de ficar dentro de casa. Não obstante, entreguem-se a esperanças e ambições que, embora enganosas, são enganos favoráveis. Permitam-se ser um pouco ludibriados por elas. Mas não as deixem ludibriá-los demais. O que vocês estão vivendo agora é a própria

vida. Vocês estão vivendo muito mais do que viverão daqui a vinte anos. Aceitem essa verdade. Reflitam sobre ela. Absorvam-na. Permitam que ela afete a sua conduta, para que nem o presente nem o futuro sejam negligenciados. Vocês estão em busca da felicidade? A felicidade é em grande parte uma questão de temperamento. É extremamente improvável que o empenho os levará a conquistar mais felicidade do que vocês já possuem. Em suma, adotem imediatamente um estilo de vida mais regular e seguro. (Aplausos efusivos.)

Os aplausos seriam, naturalmente, para as bebidas.

Não há dúvida de que a maior parte do público consideraria que eu me equivoquei na escolha da minha profissão e deveria ter aberto um bar em vez de ser um orador discursando em defesa dos mais elevados padrões morais e éticos. Mas, uma vez neste caminho, não sou do tipo que se deixa dissuadir. Eu continuaria firme, todos os domingos à noite. Os nossos maiores anunciantes já mais que provaram que o público acredita em qualquer mensagem repetida o suficiente. Eu praticaria a repetição, sempre acompanhada de bebidas. Como resultado, a mente corporativa começaria a enxergar um vislumbre de sentido na minha doutrina e as pessoas por fim começariam a perceber a insensatez de deixar de usufruir o presente, a tolice de supor que o futuro pode ser essencialmente diferente do presente, a estupidez de morrer antes de começar a viver.

CAPÍTULO V: SOBRE O CASAMENTO

O dever do casamento

De tempos em tempos faz-se necessário lidar com aquele tipo imortal, aquele que adora o passado às custas do presente. Não citarei Horácio, que todas as tradições da prosa me levariam a citar, porque Horácio, com seu gosto incurável pelo adorno, se esquivou da questão. Além disso, não sou um grande admirador dele. O adorador do passado tem se mostrado muito comum ultimamente. Ele declarou que a indigência e a loucura estão aumentando acentuadamente e, apesar de já ter sido comprovado que é o contrário que está acontecendo e ele ter pedido desculpas, ele terá esquecido a retificação em alguns meses e voltará com força toda e lamúrias renovadas.

Ele declarou que estamos fisicamente deteriorando e o asseverou com um tom tão terrível que estremecemos e muitos de nós acreditaram nele. E considerando que a taxa de mortalidade está caindo, que as favelas estão definhando, que as doenças estão diminuindo, que o lavrador nunca teve uma dieta melhor do que hoje, a nossa credulidade não diz muito sobre os nossos poderes de raciocínio, não é mesmo? É verdade que estamos diante de uma terrível migração para as cidades, mas, quanto a mim, eu me interessaria muito mais em saber se a existência campestre do passado era mais saudável que a existência urbana de hoje. A aparência pessoal dos veteranos agrários não ajuda. Eles mais parecem motoristas de ônibus famintos contorcidos e deformados por um relâmpago.

No entanto, hoje em dia a *pièce de résistance* do adorador do passado é o casamento, com discretas alusões à taxa de natalidade. O adorador do passado se esbaldará com o tema do casamento. Os primeiros lamentos da tempestade já foram ouvidos. Bispos olham de soslaio para a taxa de natalidade, mencionando seu descontentamento. A situação é grave. Como diz a expressão, o problema nos “ataca pela raiz”. Estamos nos casando mais tarde, meus amigos. Alguns de nós, na agitação do dia a dia e preocupados com os negócios, estão praticamente se esquecendo de se casar. É o dever do cidadão se casar e ter filhos e estamos negligenciando o nosso dever, estamos ficando egoístas! Já não se fazem mais os gloriosos *quiverfulls* [++++] dos bons e velhos tempos! Os nossos pais se casaram aos 20 e nós nos casamos aos 35. Por que isso acontece? Por causa da complacência grosseira e enervante que

nos dominou. O que será da Inglaterra se isso continuar? A Inglaterra deixará de existir! É por isso que precisamos enfrentar o problema! E por aí vai, na mesma linha.

Gostaria de perguntar a todos os que protestam e protestarão dessa forma. Vocês já leram “X”? O livro ao qual me refiro como “X” é uma obra misteriosa, escrita um pouco mais de cem anos atrás por um pároco inglês. É um clássico da ciência britânica, uma das maiores obras científicas do mundo. A obra influenciou imensamente todo o pensamento científico do século 19, especialmente Darwin. O senhor H. G. Wells, citado na *Enciclopédia de Chambers da Literatura Inglesa*, descreve a obra como “o livro mais revolucionário que já foi ou jamais será escrito”.[++++] Se você me permitir fazer uma referência pessoal, eu diria esse foi o livro que me afetou mais profundamente que qualquer outro livro científico que já li. Embora seja perfeitamente fácil de entender e isento de quaisquer jargões técnicos, trata-se do livro mais incompreendido na literatura inglesa simplesmente por não ser lido. As pessoas hoje em dia têm uma ideia completamente equivocada dele. O livro pode ser um poderoso instrumento educacional, em geral e em termos sociológicos, mas os editores se recusam a reeditá-lo. E mesmo assim ele é quarenta vezes mais interessante e quatrocentas vezes mais educativo que os comentários de Gilbert White sobre as aves de Selborne.[§§§§] Deixarei a você, leitor, adivinhar a qual obra me refiro, mas não vou oferecer um prêmio para resolver um problema que um grande número dos meus leitores certamente resolverá sem dificuldade.[*****]

Se aqueles que se preocupam com as mudanças no nosso sistema matrimonial lessem “X”, eles provavelmente deixariam de se preocupar.

Porque perceberiam que estavam colocando a carroça na frente dos bois; que elevaram à respeitável posição dos princípios fundamentais certas regras medianas de conduta que sugeriram exclusivamente a partir de determinados instintos medianos em determinadas condições medianas; e que estavam com medo porque a mudança nas condições foi acompanhada de uma mudança nas regras de conduta. Uma das verdades que “X” esclarece é que a conduta se adapta às condições e não o contrário.

Pagar impostos é um dever que o cidadão tem para com o Estado. Casar-se e ter filhos não é um dever que o cidadão tem para com o Estado. O casamento, com as suas consequências, é uma questão de inclinação pessoal e

conveniência. Nunca foi qualquer outra coisa e nunca será qualquer outra coisa. Por que seria diferente? Se um homem for contra sua inclinação e conveniência em uma questão na qual a inclinação faz parte da “essência do contrato”, ele meramente apresenta ao Estado um cidadão insatisfeito (se não dois) em troca de um cidadão satisfeito! A felicidade do Estado é a soma da felicidade de todos os seus cidadãos, de modo que um cidadão que reduz a própria felicidade não estaria cumprindo seu dever para com o Estado! Você acha possível que, quando as pessoas se casavam cedo e em grande número, elas o faziam com base em algum senso de dever para com o Estado, um senso de dever hoje enfraquecido pela nossa “complacência moderna”? Penso que essas pessoas se casaram por um simples motivo: o casamento era compatível com o temperamento delas. Elas se casaram motivadas pelo mais puro egoísmo, como todas as pessoas decentes que se casam. E será que aqueles que fazem uma algazarra sobre o dever do casamento beijam sua amada com um olho no bem-estar geral da nação? Seria um delírio imaginá-los dizendo: “Meu anjo, eu a amo...” com base em um senso de dever para com o Estado. “Vamos ter uma inumerável prole...” motivados pelo senso de dever para com o Estado. Como isso não encantaria as moças!

Se idade na qual as pessoas se casam muda, se a taxa de natalidade mostra uma tendência solidária de acompanhar a taxa de mortalidade (como vemos em “X”), ninguém precisa se alarmar. Os princípios elementares do certo e do errado não estão tremendo nas bases. A consciência humana não está sendo silenciada. A nação não está indo à bancarrota. A conduta está se ajustando às novas condições, é só. Podemos não ser capazes de saber exatamente como as condições estão mudando, o que não passa de um detalhe. Os nossos descendentes saberão exatamente o que aconteceu. Enquanto isso, as mudanças na nossa conduta nos dão uma pista do caminho adiante. E, apesar de certas pessoas nervosas se assustarem, se puserem a fazer discursos defendendo os padrões éticos e morais e “tomarem providências”, podemos permanecer firmes na plácida certeza de que “as providências” de nada valerão. Se existem duas coisas que se elevam acima da legislação, dos “movimentos”, das cruzadas e dos discursos morais, uma delas é idade do casamento e a outra é a taxa de natalidade. Porque o instinto supremo destrói impiedosamente todos os argumentos insinceros e falsos altruísmos. Passa arrasando tudo e observa com a voz mansa: “Seguirei a minha própria

conveniência e não darei ouvidos a ninguém além da própria Natureza (com N maiúsculo). Não me importune com o Certo e o Errado. Eu sou o Certo e o Errado...”

Depois desta minha tentativa de remover um pouco do embuste da questão, proponho algumas observações simples sobre o casamento.

A aventura do casamento

Tendo me empenhado para demonstrar que os homens não se casam, e nem deveriam, com base em um senso de dever para com o Estado ou a humanidade, mas sim única e exclusivamente motivados por uma inclinação egoísta a se casar, volto-me ao caso individual do homem que está “em posição de se casar” e se recusa a empregar suas afeições. Naturalmente, se ele se apaixonar, a menos que por uma casualidade ele seja uma pessoa de incrível força de vontade, ele não ponderará os prós e os contras do casamento. Ele simplesmente se casará e nem 40 mil contras o impedirão. E sua decisão estará absolutamente correta e justificada, da mesma forma como a palha que desce um rio com a corrente está absolutamente certa e justificada. Nem todos têm o privilégio de se apaixonar, contudo, e raros são os que têm o privilégio inestimável de se apaixonar profundamente. No entanto, o homem a quem as circunstâncias permitirem se casar, mas que não estiver apaixonado ou só estiver ligeiramente enamorado, também pensará em casamento. O que ele pensa a respeito?

Eu lhe direi. Para começar, se chegar aos 30 anos ileso às investidas de Afrodite, ele refletirá que esse sentimento peculiar de expectativa romântica com o qual acorda toda manhã deixaria de existir após o casamento... e é um sentimento tão agradável! Pelo contrário, em momentos de melancolia, ele, agora casado, teria a sensação de ter feito algo irremediável, de ter fechado definitivamente as portas que lhe permitiam dar vazão à sua individualidade. (Faça a gentileza de lembrar que não estou descrevendo o que esse homem deveria pensar. Estou descrevendo o que ele de fato pensa.) Em segundo lugar, ele refletirá que, depois do casamento, ele não poderá mais esperar as encantadoras boas-vindas que os homens solteiros em geral recebem das mulheres; ele deixaria de ser uma “possibilidade” e não usufruiria mais da perspectiva de ser uma possibilidade. Tais considerações, todas mais ou menos relacionadas à perda da “liberdade” (ah, essa misteriosa e emocionante

palavra!), afetará a atitude teórica do nosso amigo. E deixemos claro que até a liberdade de ser solitário e melancólico continua sendo uma liberdade.

Outras ideias se imiscuirão na mente desse homem. Certa manhã, ao pentear os cabelos, ele verá um fio branco e, por mais jovem que possa ser, ele sentirá a idade avançada chegando. Uma velhice solitária! Uma senilidade dependente de sobrinhos e sobrinhas condescendentes, ou até de parentes mais distantes, para satisfazer suas necessidades sociais e domésticas! Terrível! Impensável! E seu primeiro impulso, especialmente se ele leu aquele terrível romance, *Forte como a morte*, de De Maupassant, é correr para a rua e propor em casamento a primeira garota que encontrar para evitar o terrível pesadelo de uma velhice solitária. Porém, antes mesmo de chegar à porta, ele se detém e reflete mais um pouco. Suponha que ele se case e, vinte anos depois, sua esposa faleça e o deixe um viúvo! Ele ainda terá uma velhice solitária e uma velhice muito mais trágica do que se tivesse permanecido solteiro. O casamento não é, portanto, uma solução infalível para uma velhice solitária. Pelo contrário, pode até intensificar o problema. Filhos? E se ele não tiver filhos? Suponha que, caso ele tiver filhos, os filhos morram... que angústia! Suponha que os filhos caiam gravemente doentes e se recuperem... que experiência envelhedora!

Suponha que os filhos se provem uma decepção... que pesar sem fim! Suponha que os filhos caiam no mau caminho (isso acontece com alguns filhos)... que vergonha! Suponha que ele, no fim da vida, se torne dependente da bondade ressentida de um filho ingrato... que humilhação suprema! Todas essas coisas acontecem constantemente por toda parte. Suponha que a esposa dele, que outrora o amava, deixe de amá-lo ou suponha que ele deixe de amar sua esposa! *Ces choses ne se commandent pas...* não temos controle sobre essas coisas. Eu, pessoalmente, deveria estimar que nem em 1% dos casamentos românticos marido e mulher são capazes de manter a paixão depois de três anos. Tamanha é a brevidade da violência do amor! Em talvez 33% a paixão se acomoda para se transformar em uma afeição tranquila, o que seria o ideal. Em 50% dos casos, a paixão se deteriora para se transformar em pura indiferença e a pessoa se acostuma com a esposa ou com o marido como o ser humano se acostuma com outros hábitos. E, nos 16% restantes, a paixão se transforma em aversão ou ódio. Você acha que as minhas porcentagens estão incorretas, você, que tem um casamento de longa data e conhece o

mundo? Bem, você até pode alterá-las um pouco, mas não vai querer modificá-las demais.

O risco de se ver entre os 16% pode ser evitado pela simples medida de não se casar. E, com a mesma medida, outros riscos podem ser evitados, juntamente com ainda outros riscos que não mencionei aqui. É perfeitamente óbvio, portanto (na verdade, peço perdão por mencionar isso aqui), que a atitude em relação ao casamento por parte do bacharel livre para voar deve ser, na melhor das hipóteses, extremamente cautelosa. Ele sabe que já está na frigideira (ninguém saberia melhor das coisas), mas, considerando a proximidade do fogo, ele fica em dúvida se não seria melhor ficar onde está. A vida dele será mais tranquila, mais como a vida de uma cobra em hibernação. Suas sensibilidades serão embotadas, mas as chances de um sofrimento pungente serão enormemente reduzidas.

Assim o bacharel em condições de se casar mas não apaixonado indubitavelmente se decidirá, em teoria, contra o casamento. Em outras palavras, se ele for tímido, se prefere frigideiras, se não tiver iniciativa, se tiver a alma de um rato, se quiser viver o mínimo possível, se odiar a própria espécie, se seu egoísmo for do tipo miserável que não ousa sociabilizar com os outros... Mas, se ele tiver uma disposição mais afortunada, decidirá que vale a pena mergulhar na magnífica aventura. Os instintos inextirpáveis e requintados de se entregar à sorte o exortarão a apostar, à primeira oportunidade, em um bilhete da única loteria permitida pelo governo britânico. [++++]

Porque, afinal, o senso de propriedade mútua sentido pelo marido normal e pela esposa normal é algo sem igual, algo que jamais poderá ser obtido de qualquer outra forma além do casamento. Outro dia mesmo vi um homem e uma mulher em uma liquidação. Eu estava longe demais para ouvi-los, mas pude perceber que eles estavam tendo a mais acalorada discussão. Poderia ser sobre as iniciais que queriam mandar gravar nas fronhas, mas eles estavam completamente absortos no mundo deles e o resto do universo não existia para eles. E eu pensei: “Que requintada e milagrosa Força é essa que une aquele estranho, sombrio e lacônico organismo usando um chapéu de seda e um sobretudo preto grande demais com aquele organismo estranho, radiante, vivaz, lamuriante e irracional vestido com vistosas peles e penas?” E, quando eles se distanciaram, o fenômeno mais interessante do universo se afastou

com eles. E eu pensei: “Assim como nenhuma cerveja é ruim, mas algumas cervejas são melhores que as outras, nenhum casamento é ruim”. A maior recompensa do casamento é algo que todo casamento deve dar: um companheirismo cujo misterioso interesse nada pode estragar. Um homem pode odiar tanto a esposa que ela nem pode costurar na frente dele sem irritá-lo, mas, quando ela morre, ele diz: “Bem, foi interessante”. E sempre será o caso. Uma noite dessas, um solteirão de 46 anos me disse: “Qualquer coisa é melhor que o vazio”.

Os dois tipos de casamento

Como o Rapto das Sabinas[+++++] e outros métodos sumários de casamento já foram abandonados por todas as pessoas requintadas, restam-nos dois tipos gerais de casamento. O primeiro é o estilo inglês. Nós, os ingleses, deixamos a natureza nos orientar. Damos ouvidos aos clamores do coração. Quando, em meio aos perigos e acidentes do mundo, duas almas “se encontram”, nos regozijamos. O nosso desejo instintivo é nos casar, se isso for possível de alguma maneira. Reconhecemos abertamente o poder do romance na vida e nos dispomos a fazer sacrifícios pelo romance. Vemos um jovem casal no altar; eles estão apaixonados. Excelente! Eles são pobres. Tanto pior! No entanto, sempre acreditamos que o amor lhes dará força para vencer as dificuldades. O revoltante sistema francês de barganha e troca é a única coisa que somos incapazes de compreender ou perdoar nos costumes dos nossos estimados vizinhos. Empenhamo-nos para manter a polidez em relação a esse sistema, mas nos é simplesmente impossível. O conceito escandaliza nossos mais requintados e delicados sentimentos por ser tão obviamente contrário à natureza.

O segundo estilo é o estilo francês, que acabei de me referir como um sistema de barganha e troca. Agora, se há uma coisa que um francês é incapaz de entender ou perdoar nos costumes de uma raça tão maravilhosamente prática e sagaz quanto a nossa, é o sistema de casamento inglês. O francês tenta ser polido em relação a isso... e consegue. Mas, no fundo, o conceito escandaliza seus mais requintados e delicados sentimentos. Ele admite que o conceito está em conformidade com a natureza, mas tende a argumentar que todo o progresso da civilização resulta da tentativa de se distanciar da natureza. “O quê?? Deixar a relação mais importante na qual um homem pode

entrar à mercê do acaso, quando um mero gesto pode despertar a paixão ou a cor de um corpete induzir o desejo!? Não, ingleses, vocês, que têm tamanho autocontrole, vocês não podem levar a sério a defesa dessa ideia! Vocês falam de amor como se fosse eterno. Vocês falam de sacrificar-se ao amor, mas o que realmente sacrificam, ou arriscam sacrificar, é toda a última parte da existência conjugal em prol dos primeiros dois ou três anos. O casamento não é uma prolongada lua de mel. Seria ótimo se fosse. Quando vocês concordam em se casar, estão de olhos fixos na lua de mel. Quando nós concordamos em nos casar, tentamos imaginar como será daqui a cinco ou dez anos.

Asseveramos que, em média, depois de cinco anos de casamento, não faz diferença se o casal estava ou não apaixonado no dia do casamento. Portanto não cedemos às brisas do momento. Ademais, se nos permitem a observação, o sistema de vocês é, em certa medida, um resultado da imprudência. Vocês podem casar suas filhas sem ter de pagar um dote e essa possibilidade os tenta a negligenciar seu dever para com as filhas. E vocês nem sempre resistem à tentação. Será que os seus casamentos, fundamentados no ‘romance’, acabam por se revelar melhores que os nossos casamentos, fundamentados na prudência, reflexão ponderada e visão de longo prazo? Acreditamos que não.”

Isso é tudo o que eu tenho a dizer sobre os dois estilos. Sendo o patriotismo o último refúgio de um canalha, como diz o Doutor Johnson[§§§§§], não tenho intenção alguma de julgar o melhor sistema (como o meu coração me exorta a fazer), para evitar acusações. No entanto, dou-me a liberdade de sugerir que, embora perfeitamente convencido pela admirável lógica dos franceses, mantenho-me, com a encantadora falta de lógica dos ingleses, a favor dos casamentos românticos (estando subentendido, naturalmente, que os dotes deveriam ser muito mais fartos do que são na Inglaterra). Se um francês me acusasse de me dispor a correr o risco de sacrificar toda a última parte da vida conjugal em prol dos dois ou três primeiros anos, eu responderia sem hesitação: “Sim, estou preparado para arriscar esse sacrifício. Acredito que os dois ou três primeiros anos valem o risco”. No entanto, sou um inglês e, portanto, um romântico por natureza. Olhe para Londres, essa cidade cuja qualidade de destaque é a qualidade romântica; e olhe para as inglesas passeando pelas maravilhosas ruas da cidade! Os olhos delas transbordam de romance. Elas podem não ser tão chiques – e de fato não o são –, mas são verdadeiras heroínas do drama.

Agora olhe para Paris. Há pouco romance nas linhas retas e direitas de Paris. Olhe para as parisienses. São as mulheres mais maravilhosas e adoráveis que a natureza já inventou. Mas não são românticas, você sabe. Elas desconhecem o que é o romance. São tão prosaicas que, quando você pensa no prosaísmo delas, sente um arrepio lhe subindo pela espinha.

Retomando o nosso tema, seria possível ponderar sobre os dois estilos sob uma luz diferente. Talvez a diferença fundamental entre eles seja menos uma diferença entre as ideias de duas raças e mais uma diferença entre as ideias de duas “fases da vida”. Na França, predomina a atitude idosa. À medida que as pessoas, incluindo os ingleses, acumulam os anos, elas tendem a favorecer o casamento da razão em detrimento do casamento do romance. Os jovens, até os franceses, objetam vivamente à teoria e à prática do casamento da razão. No entanto, os jovens ainda sentem o êxtase especial e precioso da juventude, ao passo que a sensação já se perdeu aos mais velhos. Qual estilo é o certo? Ninguém jamais será capaz de decidir. No entanto, nem um nem outro sistema se aplicará bem a todos ou quase todos os casos. Houve milhares de casamentos românticos na Inglaterra dos quais pode ser dito que teria sido melhor se o sistema francês estivesse em vigor para impedir sua existência. E, da mesma forma, milhares de possíveis casamentos românticos foram impedidos na França e que, caso o sistema inglês prevalecesse lá, teriam sido maravilhosos. A prevalência de dotes na Inglaterra não tornaria perfeito o sistema inglês (porque devemos lembrar que o dinheiro é apenas um dos vários ingredientes que compõem a união marital francesa), mas o melhoraria consideravelmente. Não somos, contudo, uma raça prudente e é improvável que nos tornemos uma. Assim, os nossos jovens devem ajustar-se à ausência dos dotes.

Tudo bem se o leitor imaginar, neste ponto, que estou no fim das minhas observações. Não estou. Tudo o que já disse não passa de meras preliminares para o que se seguirá. Gostaria de ponderar sobre o caso do homem que deu uma chance ao sistema inglês e o considerou fútil. Afinal, na Inglaterra, esperamos pelo acaso. Esperamos pela chegada do amor. E o que acontece se o amor não chegar? O que seria do sistema inglês nesse caso? Suponha que um homem em posição de se casar chegue aos 35 ou 40 anos sem ter se apaixonado. O que o impediria de tentar o sistema francês para variar? Qualquer casamento é melhor que casamento algum. Naturalmente, na

Inglaterra, ele não poderia simplesmente abordar sua Dama Escolhida e anunciar: “Não estou exatamente apaixonado pela senhorita, mas será que a senhorita se casaria comigo?” Ele diria de outra forma. E ela entenderia. E você acha que ela recusaria a proposta?

CAPÍTULO VI: SOBRE OS LIVROS

O lado físico

O maior interesse de muitos dos meus leitores é declaradamente os livros. Eles podem, como provavelmente fazem, professar outros interesses, mas são primordialmente “letrados” e, quando um homem é um letrado, ele é um letrado durante aproximadamente 23 e 3/4 das horas do dia. O que os letrados sabe sobre os livros não pode se traduzido em palavras. Eles não são meros assinantes de bibliotecas circulantes e, para eles, um livro não é apenas um livro; é um *livro*. Se estas linhas acontecerem de cair nas mãos de iletrados, eles podem achar que tudo isso não passa de um grande disparate. Mas confio que os letrados me entenderão. E atrevo-me a oferecer algumas reflexões sobre um aspecto da cultura livresca moderna que se torna cada vez mais concreto à medida que as atividades das editoras e os efeitos benéficos da educação crescem e se estendem juntos. Refiro-me às “edições populares” dos clássicos.

Devo dizer que sou muito grato aos criadores das edições baratas e acessíveis. O primeiro livro que comprei na vida foi o primeiro volume da primeira série moderna de reimpressões apresentáveis e baratíssimas, a saber, “Warren Hastings”[*****], de Macaulay[+++++], da série “Biblioteca Nacional de Cassell” (seis pence, com encadernação em tecido). Essa pedra fundamental da minha biblioteca infelizmente desapareceu debaixo dos depósitos sucessivos de livros, mas outro volume da mesma série, *Visions of England*, de F. T. Palgrave, (um livro que de outra forma seria raro), continua comigo através das vicissitudes de dezessete anos de compras, vendas e trocas e eu me recuso a desfazer-me dele. Tenho mais de duzentos volumes da inestimável e incomparável série “O Templo dos Clássicos”, além de várias centenas de volumes variados de diversas outras séries. E, quando fiquei sabendo da nova “Biblioteca Popular”, concebida por J. M. Dent, um benfeitor dos letrados, meu primeiro ato efusivo foi escrever uma mensagem ao meu livreiro encomendando *O Império Bizantino*, de George Finlay, uma obra que aguardou sessenta anos para ser reconhecida pelo público. Tudo isso para dizer que ninguém pode me acusar de qualquer hostilidade às reimpressões baratas.

Firme nessa consciência, devo afirmar que as reimpressões baratas e

acessíveis são “aceitáveis a seu próprio estilo”, o que seria outra maneira de dizer que estão longe de constituir o alfa e o ômega da cultura livresca. Ao investir 20 libras anualmente pelos próximos cinco anos, um homem poderá adquirir, na forma de reimpressões baratas e acessíveis, tudo o que vale a pena ter da literatura clássica inglesa. Quanto a mim, eu não consideraria uma coletânea como essa uma biblioteca de verdade. Eu só a consideraria uma edição barata de uma biblioteca. Uma biblioteca como essa provocaria em mim certo desdém benevolente, embora todos os volumes possam ter sido bem impressos em bom papel e com um acabamento razoável. “Por quê?”, você me pergunta Bem, embora eu tenha adotado a profissão de dizer o que penso em linguagem simples, não sei se a esse respeito serei capaz de dizer o que penso em linguagem simples. Devo contar com a probabilidade de a minha atitude ser recebida com simpatia no coração livresco dos meus leitores.

Para começar, sinto uma antipatia instintiva por qualquer tipo de “série”. Não quero *A legenda áurea*[#####] e *Os ensaios de Elia*[\$\$\$\$\$\$] uniformizados e lado a lado em um regimento de livros. A ideia me faz pensar no serviço militar obrigatório e em quartéis. Até a mais nobre série de reimpressões jamais concebida (longe de ser barata ou heterogênea no que se refere ao conteúdo), as “Traduções de Tudor”, me irrita um pouco. Parece-me que uma série rouba um livro de algo muito delicado e sutil no aroma de sua individualidade, algo que, sendo inexplicável, não tentarei explicar.

Em segundo lugar, a maioria das reimpressões baratas e acessíveis tem um formato pequeno. Elas podem ser tipograficamente excelentes, com letras grandes e papel opaco; podem ser de manuseio prático; podem ser infinitamente adequadas para caber no bolso e perfeitas para levar em viagens; podem poupar um espaço precioso em casas com espaço limitado na estante; mas são pequenas. E aí está, no que diz respeito à maior parte da literatura, um distinto valor moral manifesto no tamanho. Será que convenci o leitor? Espero que sim. Se o *Paraíso perdido* fosse produzido de modo a nos permitir levá-lo no bolso do colete, a obra deixaria de ser o *Paraíso perdido*. Milton requer um sólido formato de oitava, com papel robusto e tipografia com fonte 10, no mínimo. Tenho as *Cartas de Walpole*[*****], dos “Clássicos em Papel Fino” de Newness, um volume maravilhoso com aproximadamente novecentas páginas, incluindo um retrato, um bom índice e uma bela

encadernação, que pode ser adquirido por três xelins e seis pence, e sou extremamente grato aos senhores Newness pela criação do volume. Foi pura genialidade da parte deles. Obtenho impressões encantadoras com o livro, mas impressões não tão encantadoras quanto obtenho com a grandiosa edição da senhora Paget Toynbee, de muitos volumes, mesmo sem levar em conta as notas eruditas da senhora Toynbee e as cartas adicionais que ela conseguiu reproduzir. A mesma carta na edição da senhora Toynbee teria um valor estético e moral mais elevado para mim do que no “panfleto editorial” dos senhores Newness. A série barata que satisfaz meu desejo pelo tamanho é a “Biblioteca de Clássicos Ingleses”, de Macmillan, da qual tenho as “Viagens” daquele personagem mítico, Sir John Mandeville[+++++]. Mas só sei que a edição é barata porque paguei pessoalmente por ela, já que o volume mede 23 por 15 por 5 centímetros.

E, em terceiro lugar, quem compra séries só escolhe parcialmente seus livros, que são, em grande parte, escolhidos por um editor. E, mesmo se não forem escolhidos pelo editor, os livros são recomendados pelo editor. Não é assim que um autêntico letrado compõe sua biblioteca. O autêntico letrado começa com desejos específicos. Ele sente uma demanda motivada pelo estudo das autoridades e essa demanda o força a encontrar a oferta. Ele não permite que a oferta crie a demanda. Uma situação como essa seria quase humilhante, quase como o novo-rico que contrata um decorador e uma casa de móveis para mobiliar sua casa. Uma biblioteca deve ser, primeiramente, a expressão da personalidade do proprietário.

Permita-me reiterar que sou efusivamente a favor das séries baratas de reimpressões. A influência das séries, embora não seja a mais refinada, é indiscutivelmente positiva. As séries são uma dádiva tão grande quanto pão barato. São indispensáveis em situações nas quais o dinheiro ou o espaço é limitado, bem como em viagens. Elas decididamente ajudam a formar o gosto por livros que não são nem baratos nem práticos e os colecionadores mais luxuosos não podem se dar ao luxo de ignorá-las por completo. As séries têm suas limitações e suas desvantagens, contudo. Elas não podem compor a espinha dorsal de uma biblioteca “decente”.

Mas constituem um admirável adereço para uma biblioteca. A minha própria biblioteca ficaria insossa se fosse despojada delas.

A filosofia da aquisição de livros

Passei um tempo considerável vivendo, no que diz respeito aos livros, com o mínimo de conforto e decência e apenas com as necessidades básicas da vida, como, no meu caso, dicionários diversos, Boswell, um atlas, Wordsworth, uma enciclopédia, Shakespeare, Whitaker, algumas obras de De Maupassant, uma antologia poética, Verlaine, Baudelaire, uma história natural do meu condado natal, um velho diretório da minha cidade natal, Sir Thomas Browne, Poe, as Cartas de Walpole e um livro de memórias que prefiro não nomear aqui. Uma lista curiosa, você diria. Bem, não se preocupe com isso! Nem todos nós nos contentamos em comer bife e batatas fritas a uma mesa de carvalho, empunhando uma caneca de um litro de cerveja na mão direita. Todos nós temos as nossas idiossincrasias. A questão é que eu sobrevivi só com as necessidades básicas da vida (necessidades bastante saudáveis... os médicos diriam) por um bom tempo. Foi só pouco tempo atrás que reuni a energia necessária e mandei que 1.500 volumes me fossem transportados; os arranjei nas estantes; e os re arranjei nas estantes; e os deixei para se arranjar nas estantes.

Bem, basta dizer que o modo como ando de um lado ao outro diante desses volumes, cujos rostos eu tinha quase esquecido, é absolutamente infantil. Sou como uma criança no zoológico. Lá, em sua jaula, está a edição de 1839 de Shelley, editada pela senhora Shelley, que um dia eu quase vendi para o Museu Britânico porque o Responsável pelos Livros Impressos achava que não tinha um exemplar... só que ele tinha! E ali, sozinho em uma jaula, devido a sua monstruosa enormidade, está a edição parisiense de 1652 dos *Ensaio*s de Montaigne. E eu poderia continuar, indefinidamente, se não fosse essencial prosseguir na minha argumentação.

Você supõe que a presença desses livros, depois da longa separação, está me levando a ler mais do que eu lia antes? Você acha que agora eu passo as minhas horas vagas consultando as minhas passagens favoritas? De maneira alguma. Outra noite mesmo, eu tive de fazer uma viagem de bonde e, antes de partir, tentei selecionar um livro para levar comigo. Fui incapaz de encontrar um volume que se adequasse à perfeição à atmosfera de um bonde. Como eu não tinha como adiar a viagem, fui obrigado a me contentar com qualquer coisa e acabei partindo com nada mais original que *Hamlet*, que já conheço bem... Então comprei o jornal e o li de cabo a rabo, inclusive os anúncios. E

disse com os meus botões: “Que belo resultado de todo o trabalho que tive para me reunir com alguns dos meus livros!” No entanto, como há um bom tempo já deixei me surpreender com as excentricidades nas quais a natureza humana se recusa a agir como se esperaria, consegui me manter calmo e desembaraçado no decorrer dessa extraordinária experiência. Ainda ando de um lado ao outro diante dos meus livros, usufruindo deles sem lê-los.

Gostaria de afirmar que muita hipocrisia é dita (e escrita) sobre a leitura. Periódicos como o *Anthenasum*, que não obstante eu estudo com satisfação de ponta a ponta toda semana, dificilmente notam uma nova edição de um clássico sem expressar, em tom pesaroso e pessimista, o temor de que um número maior de pessoas poderá comprar essas belas edições do que as lerá. E se for o caso? E daí? Só podemos comprar os livros que formos ler? Basta colocar a questão assim, sem meias-palavras, para ela responder a si mesma. Todos os letrados fervorosos, exceto alguns que dedicam a vida inteira à leitura, têm fileiras e mais fileiras de livros em suas estantes que nunca leram e que jamais lerão. Sei que eu tenho centenas de livros assim. Meus olhos repousam sobre as obras de Berkeley, em três volumes, com prefácio do Muito Honrável Arthur James Balfour. Não posso conceber as circunstâncias nas quais um dia lerei Berkeley; mas não me arrependo de tê-lo comprado em uma boa edição e voltaria a comprá-lo se não o tivesse simplesmente porque, quando o vejo, algumas de suas virtudes me são transmitidas e sou um homem melhor por isso. Certo qualidade filosófica imbui a minha alma e sou menos bruto do que seria de outra forma. Pode não ser sofisticado, mas é um fato.

Tendo começado a usar o exemplo de Berkeley, levarei o exemplo um pouco mais adiante. Eu deveria ter lido Berkeley, você diz; assim como eu deveria ter lido Spenser, Ben Jonson, George Eliot, Victor Hugo. De modo algum. Não existe “dever” na leitura. Se o volume viável da literatura de primeira classe fosse, como pode ter sido um século atrás, não grande demais para ser assimilado por um homem comum em seu pouco tempo livre disponível e na primeira metade de sua vida, até poderia ser possível falar em “dever”. Mas a literatura de boa qualidade cresceu para atingir um volume inviável, mesmo por vigorosos leitores profissionais capazes de ler bibliotecas inteiras. E eu não sou um leitor profissional. Sou um escritor, da mesma forma como poderia ser um gerente de hotel, um advogado, um médico, um marceneiro ou um fabricante de utensílios de cerâmica. Leio no meu escasso

tempo livre e também não passo todo o meu tempo livre lendo. Tenho outras distrações. Leio o que me sinto inclinado a ler e não me sinto na obrigação de terminar um livro que não tenho vontade de terminar. Leio por prazer, não por obrigação, não para me aprimorar, mas unicamente porque a leitura me dá prazer. Às vezes levo um mês para terminar um livro. Imagino que muitos leitores se identificarão com o meu caso. Mas será que devo restringir as minhas compras às minhas leituras? De maneira alguma! Quero ter muitos livros nas minhas estantes porque sei que eles são bons, porque sei que eles me dariam prazer, porque gosto de olhar para eles e porque pode me dar na telha de lê-los. (Berkeley, até tua vez poderá chegar!) Em suma, eu os quero porque os quero. E não serei dissuadido de possuí-los por medo de alguma pessoa isolada e singular, alguma pessoa que leu muito mas que não sabe a diferença entre um charuto J. S. Muria e um R. P. Muria, chegando como quem não quer nada e me intimidando com a terrível pergunta: “O senhor leu os livros que possui?”

Dito isso, segue a minha recomendação: ao comprar um livro, permita-se influenciar por duas ponderações e apenas duas ponderações. Você está razoavelmente certo de que se trata de um bom livro? Você deseja possuí-lo? Não se deixe influenciar pela probabilidade ou pela improbabilidade de ler o livro. Afinal, uma pessoa só lê parte do que compra. Ademais, os impulsos precisam ser levados em consideração. O homem que gasta meia coroa em *As origens da Dinastia Plantageneta*, de Stubbs, em vez de ir ao Teatro Gaiety ver “The Spring Chicken”[++++++] provavelmente será o tipo de homem capaz de sugar tudo o que *As origens da Dinastia Plantageneta* tem de bom anos antes de sair da inércia para finalmente ler a obra.

CAPÍTULO VII: SOBRE O SUCESSO

Observações francas

Há momentos em que toda a imprensa livre e esclarecida do Reino Unido se mostra estranhamente interessada no tema do “sucesso”, de se dar bem na vida. Estamos vivendo um momento como esse agora. Seria difícil mencionar os proeminentes jornalistas que não escreveram recentemente, de uma forma ou de outra, sobre o sucesso. No fenômeno mais singular de todos, o doutor Emil Reich abandonou Platão, as duquesas e o Claridge’s Hotel para instruir milhões de leitores de um jornal matinal sobre nos princípios de sucesso!

O que os milhões de leitores pensaram sobre as frases efusivas e vigorosas do Doutor não tenho como imaginar. Mas sei o que eu, um homem comum, pensei. Depois de reconhecer a representação afetada dele discorrendo sobre as “constantes” e “variáveis” do sucesso, depois de observá-lo falar de ciência “enérgica” (seu maravilhoso novo termo para se referir à “ciência” do sucesso) como se, só porque a palavra termina com “ica”, o termo remetesse à “matemática”, pensei que a sublime e venerável arte da mistificação já tivesse atingido seu limite. Se meu companheiro de peregrinação por este vale de aflições, o homem comum que chega a Waterloo às 9h40 da manhã todos os dias com um cigarro na boca, um bilhete de segunda classe no bolso e vagas aspirações na alma, sentisse pelo menos a metade da perplexidade que eu sinto, ele provavelmente concluiria que a ciência do sucesso tem todas as desvantagens da álgebra sem qualquer vantagem do críquete e que seria melhor não fazer nada a respeito para evitar qualquer prejuízo. Na casualidade de ele ainda não ter chegado a qualquer decisão sobre a ciência do sucesso, estou resolvido a tratar o assunto com uma franqueza perturbadora. Penso ser tão perigoso dizer a verdade sobre o sucesso quanto é dizer a verdade sobre os Estados Unidos, mas estando absolutamente acostumado com o sibilo das balas passando pela minha cabeça, decidi tentar mesmo assim.

A maioria dos escritores que se dedicam a discorrer sobre o sucesso é, por pura bondade do coração, perniciosamente insincera. Digo isso porque eles se fundamentam no argumento de que praticamente qualquer pessoa que quiser pode atingir o sucesso. Essa noção é, sem meias palavras, falsa. A ideia central do sucesso é separar-se da multidão de homens comuns e talvez seja a única ideia que une todos os vários tipos de sucesso: diferenciar-se da

multidão. Dirigir-se à população em geral e propor-se a ensinar à multidão como distinguir-se dela mesma é pura bobagem. Estou, naturalmente, usando a palavra “sucesso” em seu sentido comum. Se a natureza humana fosse mais perfeita do que é, o sucesso na vida implicaria um conhecimento íntimo de si mesmo e o atingimento de uma tranquilidade interior filosófica, um objetivo que poderia muito bem ser alcançado pela maioria dos mortais. No entanto, para nós, o sucesso tem outro significado. Ele pode ser dividido em quatro ramos:

Distinção na ciência pura ou aplicada. É a forma menos grosseira de todas as formas de sucesso, já que muitas vezes leva à pobreza e de modo algum sempre leva à fama.

Distinção nas artes. Normalmente leva à fama e adulação, mas em geral não resulta em riqueza.

Influência direta e poder sobre a vida material dos outros homens: ou, em outras palavras, distinção na política, nacional ou regional.

Sucesso no acúmulo de dinheiro.

Esta última forma é a mais comum e a mais fácil. A maioria das diferentes formas de sucesso pode ser classificada em uma dessas categorias. Seria esse tipo de sucesso possível para aquela pessoa tão célebre e adulada, o homem comum? Esses homens comuns não são, como você bem sabe, todos professores da ciência do sucesso! Só uma pequena minoria de nós um dia enriquecerá.

Felizmente, embora seja verdade que o sucesso, em sua acepção comum seja, pela própria essência, impossível para a maioria, ele vem acompanhado de uma verdade que ajusta o equilíbrio: a saber, que a maioria não deseja o sucesso. Pode soar impertinente dizer isso, mas os fatos comprovam essa verdade. Imagine que o homem comum de repente, por algum milagre, seja imbuído de poder político e com ele, naturalmente, a obrigação de usar esse poder. Ele ficaria tão contrariado, preocupado, incomodado e irritado ao fim de uma semana que estaria pronto para dar os olhos da cara para se livrar desse poder. Quando ao sucesso na ciência ou na arte, o interesse do homem comum é tão ínfimo que, em comparação com o homem de ciência ou o artista, pode-se dizer que o homem comum não tem qualquer interesse nesse tipo de sucesso. E supondo que o homem comum seja imbuído dessa distinção, ele rapidamente perderia o interesse por pura e simples indiferença

e negligência.

O homem comum sem dúvida quer ter algum dinheiro e não descansará até obter o dinheiro necessário para satisfazer suas necessidades instintivas. Ele vai mover montanhas para ganhar dinheiro suficiente para se casar na posição social ao qual está acostumado e justamente nesse ponto seu desejo pelo dinheiro deixará de ser ativo. O homem comum compartilha com o gênio mais excepcional o fato de que sua carreira, em geral, é regida por seus impulsos naturais. O homem comum fica mais satisfeito e à vontade em um ambiente de rotina pacífica. Os homens destinados ao sucesso ficam mais satisfeitos e à vontade em um ambiente de colisão e confusão. Os dois temperamentos são diversos. Naturalmente o homem comum sonha vagamente, de vez em quando; ele sonha em como seria bom ser famoso e rico. Todos nós sonhamos vagamente com esse tipo de coisa. No entanto, sonhar vagamente é diferente de desejar. Costumo dizer para mim mesmo que eu daria tudo para ser como Cinquevalli, o malabarista, ou para ser o capitão do maior transatlântico do mundo. No entanto, o meu lado ponderado me diz que meu anseio por ser como essas figuras incríveis não é um desejo autêntico e que a concretização desse anseio não aumentaria a minha felicidade.

Para termos uma noção passável do que acontece com a maior parte da humanidade em seu progresso do berço ao túmulo, não devemos tentar fazer um levantamento com uma nação inteira, nem com uma grande metrópole, nem com uma cidade grande como Manchester ou Liverpool. Essas amostras seriam tão imensas e confusas a ponto de enganar o observador. Seria melhor pegar uma cidade pequena de, digamos, 20 ou 30 mil habitantes, uma cidade que a maioria de nós conhece, com mais ou menos intimidade. Os raríssimos indivíduos cujos instintos os distinguem e os levam a tomar parte na luta pelo sucesso poderão ser identificados de imediato. Porque a primeira coisa que eles fazem é sair da cidadezinha. A atmosfera da cidadezinha não é revigorante o suficiente para eles. Suas narinas se dilatam em busca de ares mais intensos. Os que permanecem na cidadezinha formam um microcosmo representativo do mundo em geral. Entre os 30 e os 40 anos, eles começam a se posicionar, cada um em seu próprio âmbito. Mais ou menos uma dúzia de políticos compõe o conselho municipal e governa a cidade.

Meia dúzia de empresários representa as atividades comerciais da cidade e sua riqueza. Alguns outros ensinam ciência e artes ou são conhecidos

localmente como botânicos, geólogos, músicos amadores ou amadores de alguma outra arte. Estes últimos se distinguem e a percepção é que não podem ser mais numerosos do que são. E o resto? Será que eles se empenharam para atingir o sucesso e foram derrotados? De modo algum. Será que eles envelhecerão desapontados? De modo algum. Eles terão se realizado moderadamente. Eles terão atingido o objetivo que realmente tentaram atingir. Eles sequer chegaram perto das periferias do campo da batalha pelo sucesso. Mas não fracassaram. O número de fracassos é surpreendentemente pequeno. Você vê um homem idoso, decadente, decepcionado andando pela rua e alguém responde a sua pergunta: “Aquele é o Fulano. A vida dele foi uma sucessão de fracassos, o pobre coitado!” E o tom com o qual as palavras são pronunciadas comprova a enorme raridade do verdadeiro fracasso. Escusado será dizer que o caso dos poucos que saíram da cidadezinha em busca do Sucesso, com S maiúsculo, interessa enormemente a multidão dos que lá permaneceram. Vamos analisar o caso.

Os bem-sucedidos e os malsucedidos

Tendo declarado sem meias-palavras que o sucesso não está, e não pode estar, ao alcance da maioria, devo argumentar que a minoria não atinge o sucesso do modo como costuma se supor que o sucesso deve ser atingido. E posso acrescentar a isso uma expressão da minha gratidão por eles não atingirem o sucesso dessa forma. De acordo com a ilusão popular, o sucesso é atingido pelo que posso chamar de o método de “Benjamin Franklin”. Franklin foi um grande homem. Ele reuniu em seu caráter uma série de qualidades esplêndidas tão variadas, em suas diferentes formas, quanto as qualidades de Leonardo da Vinci. Eu o admiro enormemente.

Mas sua *Autobiografia* me enfurece. A *Autobiografia* de Benjamin Franklin é considerada um clássico e, se você disser uma palavra sequer contra a obra nos Estados Unidos, é bem provável que não sairá daquele país vivo. Eu, contudo, não contemplo uma visita imediata aos Estados Unidos e me atrevo a afirmar que a *Autobiografia* de Benjamin Franklin é um livro detestável e um livro enganoso. Só me ocorrem dois outros livros que eu estaria disposto a vilipendiar com tanto bom grado. Um deles é *Samuel Budgett: o comerciante de sucesso* e o outro é *Da cabana de madeira à Casa Branca*, que conta a história do Presidente Garfield, dos Estados Unidos.

Esses livros podem ser impostos aos garotos em idade escolar e é até possível que não os prejudiquem (Franklin, por sinal, começou sua *Autobiografia* na forma de uma carta ao filho), mas o homem adulto capaz de lê-los sem ficar nauseado deveria procurar um médico, pois deve ter algum problema.

“Comecei agora”, observa Franklin tediosamente, “a ter alguma familiaridade com os jovens da cidade que são amantes da leitura e com quem passei várias agradáveis tardes; e ganhei dinheiro aplicando minha industriiosidade e frugalidade...” Ou ainda: “Foi mais ou menos nessa época que concebi o ousado e árduo projeto de atingir a perfeição moral... Fiz um livrinho e aloquei uma página a cada virtude. Em cada página tracei sete colunas em tinta vermelha, uma para cada dia da semana... Cruzei essas colunas com treze linhas vermelhas, marcando o início de cada linha com a primeira letra de uma das virtudes; em cada linha, na coluna apropriada, eu marcava, com um pequeno ponto preto, todas as falhas que cometi, identificadas em análise posterior, no que diz respeito àquela virtude no dia em questão”. Nuances de Franklin, onde vos escondeis, pois que isso tudo é um tanto quanto afetado! Um homem pode ser escusado até de tais infâmias de pedantismo, mas esse homem jamais deveria sair por aí registrando-as no papel, especialmente para o filho. E qual é o sentido de detalhar a tinta vermelha? Se o filho de Franklin não foi levado ao mau caminho pela leitura atenta dessa monstruosa *Autobiografia*, ele deve ter sido um homem quase tão incrível quanto o pai. Franklin só poderia ter escrito seu “clássico imortal” seguindo uma de três motivações possíveis:

Pura presunção. Ele foi um pedante, mas não foi um homem presunçoso.

O desejo de usar seus erros para ensinar uma lição aos outros. Ele nunca cometeu quaisquer erros. Volta e meia ele enfatiza algum erro insignificante, mas “apenas para se divertir”.

O desejo de relatar sua virtuosa sagacidade para ajudar os outros a atingir um sucesso similar.

Esta última foi, sem dúvida, sua principal motivação. Um sujeito decente que porventura foi um gênio! Mas a questão é que o sucesso dele não foi, de maneira alguma, o resultado de sua virtuosa sagacidade. E eu iria ainda mais longe e diria que sua terrível e virtuosa sagacidade muitas vezes impediu seu sucesso.

Não existe guia pior para o sucesso que um homem bem-sucedido típico.

Ele raramente conhece as razões do próprio sucesso. E, quando é convidado por uma revista popular a relatar suas experiências para o benefício da juventude de uma nação inteira, é impossível para ele ser natural e sincero. Ele sabe o tipo de coisa que se espera dele e, se não foi a Londres com apenas meia coroa no bolso, ele provavelmente fez algo igualmente tolo, deixa de mencionar a tolice, o artigo ou entrevista sai dos trilhos e a verdade é simplesmente omitida! Outro dia desses um jornal publicou um artigo autobiográfico-didático escrito por um dos homens mais ricos do mundo e que foi o artigo mais “inadequado” do tipo que já li. Os homens de sucesso esquecem grande parte da própria vida! Além disso, nada é mais fácil do que explicar um fato consumado com um tom polido, agradável, convencional. Todo esse negócio de sucesso não passa de uma gigantesca conspiração tácita por parte da minoria para ludibriar a maioria.

Será que os homens de sucesso são mais laboriosos, frugais e inteligentes que os homens que não atingem o sucesso? Afirmo que não e tive a chance de estudar de perto alguns homens de sucesso. Uma das características mais comuns do homem de sucesso é sua ociosidade, sua imensa capacidade de desperdiçar tempo. Afirmo decididamente que, como uma regra geral, os homens de sucesso têm o hábito de serem relativamente ociosos. Quanto à frugalidade, ela é praticamente desconhecida entre as classes de sucesso: essa afirmação aplica-se com especial vigor aos financistas. Quanto à inteligência, me surpreendi, vez após vez, com a escassa argúcia dos homens de sucesso. Com efeito, eles são capazes de imbecilidades que fariam a ruína de um funcionário comum. E grande parte das conversas nos círculos que cercam o homem de sucesso é dedicada à enumeração de exemplos de sua falta de inteligência. Outro argumento: os homens de sucesso raramente têm sucesso como o resultado de um arranjo ordenado de sua vida. Pelo contrário eles são as menos metódicas das criaturas. Naturalmente, uma vez que “chegam lá”, eles se divertem e impressionam a maioria, convencidos de que, desde o início, com um olhar firme no objetivo, eles planejaram meticulosamente cada centímetro do percurso.

Nada disso! O grande sucesso jamais depende da prática das virtudes mais modestas, embora possa ocasionalmente depender da prática dos vícios mais suntuosos. Fique à vontade para utilizar a industriiosidade, a frugalidade e o bom senso, mas não espere que essas virtudes o ajudem a atingir o sucesso.

Porque elas não o ajudarão. Não tenho dúvida alguma de que me dirão que o que acabei de escrever tem tendências imorais e é um incentivo direto à preguiça, ao esbanjamento e por aí vai. Um dos principais defeitos dos ingleses é o nosso desejo hipócrita de suprimir a verdade com o pretexto de que admitir a verdade encorajaria o pecado, ao passo que a verdadeira explicação é que tememos a verdade. Não serei culpado desse defeito. Gosto de olhar um fato nos olhos sem pestanejar. Estou absolutamente convencido de que, individualmente, a maioria malsucedida tem mais virtudes do que a minoria bem-sucedida.

Não é verdade que Londres tem centenas de quilômetros de ruas abarrotadas de industriiosidade, frugalidade e prudência? Alguns dos homens mais brilhantes que conheci foram fracassos na vida e não por falta de caráter. E alguns dos menos talentosos foram maravilhosamente bem-sucedidos. É impossível indicar um único ramo de atividade humana no qual o sucesso possa ser explicado pelos princípios convencionais amplamente aceitos pelo público geral. Daqui ouço você, oh, leitor, murmurando para si mesmo: “Isso é tudo muito lindo, mas ele está sendo paradoxal só para se divertir”. Eu o faria se soubesse que isso o convenceria da minha intensa seriedade! Tentei mostrar o que não leva ao sucesso. Agora tentarei mostrar o que leva ao sucesso. Devo dizer, contudo, que tenho poucas esperanças.

A essência do sucesso

Naturalmente não se pode explicar o sucesso mais do que se pode explicar a sinfonia em C menor de Beethoven. Pode-se descrever em que tom a sinfonia foi composta, fazer reflexões técnicas sobre a forma, catalogar seus temas e comparar a sinfonia com outras que a precederam e outras que a seguiram, mas, no fim, só é possível dizer que a sinfonia em C menor é bela... porque é bela. Da mesma forma, só é possível dizer que a única diferença entre o sucesso e o fracasso é que o sucesso tem sucesso.

Tendo admitido francamente esse fato desde o início, me permitirei afirmar que existem três tipos de sucesso. O sucesso A é o tipo acidental. Deve-se ao que chamamos de acaso... e nada mais. Todos nós ainda somos muito supersticiosos e os caprichos do acaso têm um efeito singular sobre nós. Suponha que eu vou jogar roleta em um cassino de Monte Carlo e anuncio a um amigo a minha firme convicção de que a bola cairá no vermelho da

próxima vez. Eu aposto tudo no vermelho e a bola de fato cai no vermelho. Meu amigo, apesar de seu intelecto, me atribuirá vagamente um poder misterioso. No entanto, o único responsável seria o acaso. Se fizesse isso seis vezes em seguida, eu atrairia o interesse de todos os jogadores da mesa. Se eu repetisse a façanha doze vezes subsequentes, todos os jogadores do cassino me olhariam com admiração. No entanto, o único responsável seria o acaso. Se eu repetisse o feito dezoito vezes em seguida, meu nome sairia estampado em todos os jornais da Europa. No entanto, o único responsável seria o acaso. Eu deveria ser, nesse departamento da atividade humana, um homem de extremo sucesso, e a grande maioria das pessoas instintivamente atribuiria a mim talentos que eu não possuo.

Se fenômenos supersticiosos como esses podem ocorrer em um caso no qual a influência do acaso é conhecida e declarada, é muito mais provável que as pessoas se recusem a se satisfazer com a explicação de “puro acaso” em casos nos quais os personagens principais têm interesse em ocultar o papel desempenhado pelo acaso! Não obstante, não pode restar qualquer sombra de dúvida na mente das pessoas que viram o sucesso de perto que uma proporção dos casos testemunhados se deve exclusiva e completamente ao acaso. Homens que não possuem absolutamente qualquer qualidade que os diferenciam da multidão usufruem do sucesso hoje e usufruíram do sucesso no passado. A bola caiu no vermelho para eles um número suficiente de vezes e, como seria de se esperar, o instinto supersticioso universal de não acreditar no acaso os cercou com uma aura especial. É simplesmente ridículo dizer, como alguns dizem, que o sucesso nunca se deve ao acaso. Porque praticamente todo mundo conhece pessoalmente uma prova razoável, em grande ou pequena escala, do contrário.

O segundo tipo de sucesso, B, é composto de homens que, embora não sejam dotados de talentos de primeira classe, têm, sem dúvida, o talento necessário para atingir o sucesso. Eu deveria descrever esses homens dizendo que, embora eles de fato mereçam algo, eles não merecem a deslumbrante recompensa que chamamos de sucesso. Ficamos com a impressão de que eles receberam mais do que mereciam. Nós os encontramos em todas as profissões e ofícios e não os respeitamos muito. Eles instigam a nossa curiosidade e talvez a nossa inveja. Eles podem subir bem alto, mas estão sempre desagradavelmente cientes de uma grande reserva na nossa atitude em relação

a eles. E, se eles pudessem ler os próprios obituários, seguramente identificariam uma certa frieza, por mais que sigamos obedientemente o nosso grande lema nacional: *De mortuis nihil nisi bonum* [\$\$\$\$\$].

É essa categoria de sucesso que intriga o estudioso do ser humano. Como é que homens sem qualquer outro talento podem possuir o talento misterioso e indefinível para atingir o sucesso? Bem, parece-me que homens como esses sempre exibirão certas características. E a principal dessas características é o desejo contínuo e insaciável de ter sucesso. Eles são consumidos pela ideia de atingir o sucesso. Nós, os outros, não nos preocupamos tanto com isso. Sonhamos com sucesso em intervalos, mas não temos a paixão pelo sucesso. Não passamos noites em claro pensando a respeito.

A segunda característica desses homens se origina naturalmente da primeira. Eles se mantêm sempre atentos. Isso não significa que sejam laboriosos. Declarei em um artigo anterior a minha convicção de que, como uma regra geral, os homens de sucesso não são particularmente industriais. Um homem em uma jangada usando a camisa a título de bandeira não pode ser chamado de industrial, mas ficará de olhos abertos em busca de uma vela surgindo no horizonte. Se ele simplesmente se deitar e dormir, pode perder a oportunidade de sua vida, em um sentido muito especial.

O homem com o talento para atingir o sucesso é o homem na balsa que nunca pega no sono. Seu olhar incansável varre o mar de sol a sol. Tendo avistado uma vela, ele se levanta e agita a bandeira com tamanha decisão que o navio não tem como deixar de vê-lo e resgatá-lo. Ocasionalmente ele mergulha no mar, arriscando ser atacado por tubarões e outros perigos. Se ele não “chegar lá”, nem ficamos sabendo dele. Se ele chegar lá, alguém sem dúvida acabará multiplicando por dez o número de tubarões enfrentados: esse alguém é conhecido como um biógrafo.

Permita-me usar uma metáfora. Outra característica desses homens é que eles parecem ser imbuídos exatamente do contrário do que conhecemos como senso comum. Eles se apaixonarão por alguma empreitada que o homem comum de bom senso infalivelmente consideraria uma maluquice fadada ao fracasso. O homem comum de bom senso destruirá as esperanças desse empreendimento usando argumentos incontestáveis. Ele vai querer salientar que a ideia não passa de uma tolice, que nunca ninguém tentou fazer algo parecido antes e que não satisfaz qualquer necessidade da humanidade. Ele

dirá para si mesmo: “Esse camarada com sua preciosa ideia de negócios só pode ter um parafuso solto na cabeça. Ele é incapaz de responder à altura aos meus argumentos e mesmo assim obstinadamente insiste em seguir em frente”. E o homem destinado ao sucesso segue em frente. A empreitada até pode ser um fracasso, o que muitas vezes acontece. E o homem comum de bom senso faz questão de gastar energia e muita saliva seguindo o empreendedor, apontando o dedo e repetindo “Eu não disse?”

Mas o homem de sucesso continua de olhos abertos. Sua sede permanece sem ser aplacada, sua predileção por empreendimentos fadados ao fracasso continua incurável. E eis que um dia alguma empreitada fadada ao fracasso se transforma em um grande sucesso. Todos nós já ouvimos histórias assim. Todos nós ficamos de queixo caído e embaçados. Dos fracassos, nunca ninguém diz nada. Uma vez que o homem atingiu o sucesso, uma sucessão de outros sucessos o aguarda pela frente. A diferença entre um sucesso e um fracasso costuma ser tão mínima que uma reputação de sucesso acaba sendo uma garantia de sucesso e uma reputação de fracasso acaba sendo uma garantia de fracasso. O acaso desempenha um papel importante na carreira desses homens, mas não um papel primordial. Só se pode dizer que é mais interessante ter sorte no começo do que mais para a frente. Esses “homens de sucesso” em geral têm temperamentos flexíveis. Eles não são frequentemente amorais, mas veem a consciência como sendo um bom servo e não um mau mestre. Eles vivem em um clima de concessões.

Resta-nos a categoria C do sucesso, a categoria do puro mérito. Não sou um pessimista... nem um otimista. Faço de tudo para encontrar a verdade e devo dizer que, ao posicionar o sucesso C nos 10% da soma total de todos os sucessos, estou sendo generoso com a classe C. Não que eu acredite que um grande número de méritos seja negligenciado, sem receber o devido valor. A minha razão para atribuir à classe C apenas uma modesta porcentagem é o fato de o puro mérito ser tão raro. E não é lógico que o mérito deve ser algo excepcional? Esse tipo de sucesso não requer explicação ou esclarecimento. Ele representa a justificativa da nossa crença peculiar no princípio do triunfo da justiça e talvez encontremos entre os fenômenos naturais a única justificativa para essa crença. E sem dúvida, quando contemplamos o espetáculo do triunfo de um mérito autêntico, sem demora indevida e sem sacrifício da dignidade ou da consciência, e os aplausos da maioria bondosa

porém obtusa e insensível da raça humana, temos boas razões para nos dar um abraço.

CAPÍTULO VIII: AS “ARTIFICIALIDADES MESQUINHAS”

A expressão “artificialidades mesquinhas”, da excelente *Simple Life*, ficou gravada na minha mente, apesar da minha decisão de expulsá-la de lá. O termo pode lançar mais luz do que eu imaginei à primeira vista sobre o estado mental das pessoas que o usam quando querem acusar as condições da “vida moderna”. Um epíteto injurioso é capaz de causar um grande espetáculo. “Artificialidades” é uma palavra suficientemente desdenhosa, mas, quando lhe acrescentamos “mesquinhas”, damos o golpe final às pretensões da vida moderna. Seria melhor se a vida moderna abaixasse sua cabeça humilhada, depois disso.

A vida moderna já está morta e acabada... na opinião dos que jogaram o dardo. Só que ela na verdade não está morta e acabada, como você bem sabe. A palavra “mesquinho”, afinal, não significa nada nesse contexto. Isso quer dizer que existem artificialidades que não são “mesquinhas”, mas que são nobres, grandiosas e dignas? “Mesquinho” significa meramente que os usuários da palavra só estão um pouco irritados e de mau humor. Eles acham que objetam às artificialidades de qualquer natureza e, portanto, destilam sua raiva falando de artificialidades “mesquinhas”. O recurso é comum e é tão brilhante quanto fútil. Adjetivos grosseiros são como balas de festim. Eles impressionam as pessoas vãs, incluindo as aves que voam no céu, mas nada atingem.

Ao mesmo tempo, permita-me admitir que simpatizo profundamente com os usuários irritados da indelicada expressão “artificialidades mesquinhas”. Porque, seja como for, a expressão de fato demonstra um “descontentamento divino” e de fato denota uma grande insatisfação no que se refere a condições que seria melhor que não fossem a expressão final da nossa vida eterna. E também expressa um senso de justiça bruto e grosseiro. Conheço bem o sentimento que induz uma pessoa a cuspir selvagemmente a expressão “artificialidades mesquinhas da vida moderna”. A pessoa já fez disso um hábito e criou o costume de proferir a frase ao acordar ou ao ir para a cama. Que atividade artificial e mesquinha é levantar-se da cama, até para um homem! Barbear-se! Para que fazer a barba? E depois abrir a gaveta e escolher uma gravata. Imagine uma alma imortal, imagine um fragmento da

energia eterna e indestrutível, que existe da eternidade à eternidade, deliberadamente desperdiçando seu tempo com a atividade de escolher uma gravata! Para que usar uma gravata? Feito isso ele se dirige ao andar de baixo e troca palavras banais com outros imortais. E é impedido de começar a tomar o café da manhã imediatamente porque algum mortal sonolento está atrasado.

Por que balbuciar? Por que esperar? Por que não dizer abertamente: “Vão para o inferno, todos vocês! Já são quase 10 horas e estou ansioso para enfim começar a viver a vida distinta e respeitável em vez de perder meu tempo com artificialidades mesquinhas. Calem-se, todos vocês. Passem-me o bacon imediatamente, para eu devorá-lo logo e sair para os meus afazeres. Estou farto das suas cerimônias!” Um cenário como esse não seria, de modo algum, artificial. E pouparia tempo. E, se uma política similar fosse rigorosamente aplicada ao longo do dia, seria possível ir para a cama para um merecido descanso com a plena certeza de que o dia foi simplificado. O tempo para viver uma vida distinta e respeitável, o tempo para avançar com aqueles amplos esquemas de autoaperfeiçoamento que todos nós tanto prezamos, decididamente teria sido aumentado. Não seríamos incomodados com aquela sensação enlouquecedora, que temos com tanta frequência quando as sombras da noite caem rapidamente, de que o dia foi “desperdiçado”. E, no entanto, duvido seriamente que esse massacre indiscriminado das pobres artificialidades mesquinhas nos aproximaria consideravelmente do novo milênio.

Porque há algo, algo de fundamental importância, que os revolucionários contra as artificialidades mesquinhas sempre deixam passar despercebido: a necessidade e o valor das convenções. Não tenho como discorrer com eficácia, em apenas um parágrafo, sobre essa questão tão difícil e complexa. Só posso remeter o leitor a fenômenos análogos no mundo das artes. Todas as artes são uma convencionalização, uma ordenação da natureza. Até no seu quintal você dispõe as plantas em fileiras e subordina o bem-estar de uma planta ao bem-estar geral do jardim. A única diferença entre um jardim e os bosques selvagens é a artificialidade mesquinha.

Ao escrever um soneto, o que você na verdade está fazendo é confinando as mais profundas concepções emocionais em um determinado número de sílabas e versos e um tilintar de sons similares arbitrariamente determinados de antemão! O poema “O mundo é demais para nós”, de Wordsworth, não

passa de uma sólida e horrenda massa de artificialidades mesquinhas. Por que o camarada não poderia simplesmente dizer o que queria dizer e ter acabado logo com isso, em vez de escrever em rimas e se dar ao trabalho de usar exatamente 140 sílabas? Quanto à música, o tempo que deve ter sido dedicado às artificialidades mesquinhas para criar uma composição como o “Chaconne”, de Bach, é simplesmente estarrecedor. E pense nos quadros, absurdamente confinados em molduras, com seus bem planejados contrastes de luz e sombra e massa contra massa. Nada mais que um amontoado de artificialidades mesquinhas! Em outras palavras, nada mais que “forma”, a mesma “forma” que é a base de toda beleza, material ou imaterial.

O que a forma é para a arte, as convenções (as artificialidades mesquinhas) são para a vida. Assim como se pode ter forma demais na arte, também se pode ter convenções demais na vida. No entanto, nenhuma arte cuja forma não tenha sido planejada será digna de consideração e nenhuma vida cujas convenções não tenham sido planejadas jamais poderá ser satisfatória. As convenções não são a essência da vida, mas são a carapuça que protege e conserva a vida e também um meio bastante valioso pelo qual a vida pode expressar-se. As convenções são em grande medida simbólicas; e os símbolos, além de serem expressivos, também são grandes poupadores de tempo. Os inimigos das artificialidades mesquinhas deveriam refletir a respeito. Vejamos o exemplo notável da mais mesquinha artificialidade, os cartões de despedida. Bem, caçadores do real, o que vocês usariam para substituir esses cartões? Se vocês simplesmente os abandonassem sem substituí-los por nada, o resultado tenderia a um afrouxamento dos laços da sociedade e à redução do número de seus amigos. E se vocês simplesmente o abandonassem e tentassem substituí-los por algo menos artificial e mais real, nada mais fariam do que já fazem com os cartões, incomodariam a todos e ainda desperdiçariam uma boa dose do próprio tempo. Insisto com veemência que a base das convenções é um simbolismo, destinado principalmente a expressar um respeito pelos sentimentos dos outros. Se você não demonstrar que leva em consideração os sentimentos alheios, pode muito bem ir viver na floresta ou no deserto. E, se você quiser demonstrar esse tipo de consideração, não pode fazê-lo mais prontamente, com um menor investimento de tempo e cérebro, do que pela adoção das convenções amplamente praticadas nos dias de hoje. Resulta disso que não é possível ter todas as vantagens de viver no deserto enquanto se vive

em sociedade. Sei que você adoraria se isso fosse possível, mas não é.

Duas outras razões justificam a continuidade das formalidades convencionais. Uma delas é o misterioso porém indiscutível fato de que a plena beleza de uma atividade nunca se revela enquanto essa atividade não for submetida a uma disciplina e a uma rigorosa ordenação e equilíbrio. Uma vida isenta de artificialidades mesquinhas seria a vida de um tigre na floresta. Uma bela vida, talvez, uma vida de “ardente luminescência”, mas sem jamais atingir o ideal mais elevado de beleza! Leis e regras, formalidades e cerimônias, têm o seu valor intrínseco, de um ponto de vista meramente estético, além de seu valor social e de sua necessidade.

E a outra razão é que não é possível manter-se constantemente a pleno vapor na trajetória do “autoaperfeiçoamento” e do “progresso evolutivo” e ao mesmo tempo promover-se efusivamente. A natureza humana não permite isso. Se formos pacientes, teremos muito tempo tanto para o “artificial” quanto para o “real”. Quem pensa que não haverá tempo suficiente deveria voltar à escola para aprender aritmética. Supondo que todas as “artificialidades mesquinhas” desaparecessem de repente fôssemos capazes de demonstrar nosso respeito e consideração para com os nossos semelhantes usando os ágeis processos do pensamento, nos encontraríamos com montanhas de tempo livre nos pesando nas mãos. Não poderíamos passar todas as nossas horas buscando conscientemente atingir objetivos mais elevados da mesma forma como não poderíamos sobreviver comendo exclusivamente geleia. Que pedantes terríveis deveríamos nos tornar se não tivéssemos mais nada a fazer além do cultivo das nossas mais nobres faculdades! Eu imploro aos inimigos da artificialidade que reflitam sobre estas observações, por mais incompletas que estas observações possam ser, e que ponderem se eles realmente ficariam satisfeitos se conseguissem realizar seus desejos.

CAPÍTULO IX: O SEGREDO DO CONTENTAMENTO

Comentei, sem me aprofundar muito, sobre a conclusão à qual vários correspondentes chegaram e à qual eu mesmo cheguei, de que o clamor por uma vida simples não passava de uma nova forma do velho clamor pela felicidade e prometi explicar o que faz a vida valer a pena para mim. A notícia se espalhou e devo me empenhar para cumprir a minha promessa. Faço-o, contudo, com receios e reservas. Em primeiro lugar, há o instinto natural que me dificulta expor o que eu realmente penso. Em segundo lugar, há o medo, que quase chega à certeza, de eu ser incompreendido. E, em terceiro lugar, há a absurda insuficiência de espaço.

No entanto!... Para mim, o conteúdo espiritual (não usarei a palavra “felicidade”, que tem implicações demasiadas) essencialmente não se origina de quaisquer fatos mentais ou físicos. Origina-se do fato espiritual de que há algo de mais elevado no homem do que a mente e que esse algo tem o poder de controlar a mente. Chame esse algo de alma ou do que quiser. Meu senso de segurança em meio às colisões da existência reside na firme consciência de que, da mesma forma como o meu corpo é o servo da minha mente, a minha mente é o servo de mim. Um servo rebelde, mas mesmo assim um servo... e possivelmente ficando menos indisciplinado a cada dia que passa! Incontáveis vezes eu disse ao cérebro inquieto: “Oh, mente, o único meio de comunicação entre o eu divino e todos os fenômenos externos, tu não és um agente livre; tu és um subordinado; tu não és nada além de um mecanismo; e deves obedecer-me”.

A mente só pode ser conquistada pela meditação regular, por decidir de antemão qual deverá ser a direção de sua atividade e por insistir para que sua atividade siga nessa direção; e também por jamais deixá-la ociosa, sem direção, sem mestre, para brincar ao acaso como uma criança na rua após o anoitecer. É uma tarefa extremamente difícil, mas pode ser realizada e vale muito a pena ser empreendida. O problema da nossa época é a ausência de um caráter meditativo. Um homem sagaz se empenhará para corrigir em si mesmo as falhas de sua época. Em alguns aspectos profundos, o século 12 teve vantagens sobre o século 20. As pessoas daquela época praticavam a meditação, enquanto as pessoas do século 20 se ocupam com exercícios de

fisicultura. A meditação (e falo apenas por mim) é a atividade menos dispensável do dia. Tenho o hábito de forçar a minha mente a meditar sobre várias coisas, mas principalmente sobre uma.

A saber, que a Força, Energia, Vida – o Incompreensível que muitos nomes possui – é indestrutível e que, em última instância, existe apenas uma única Força, Energia, Vida. A ciência está aos poucos reduzindo todos os elementos a um. A ciência está dificultando cada vez mais pensar na matéria separadamente do espírito. Tudo vive. Até a minha navalha “se cansa”. E o cansaço da minha navalha não é mais nem menos explicável que o meu cansaço depois de um duelo com a minha mente. A Força que reside em minha mente, e em mim, foi transformada, mas não perdida. Toda Força é a mesma força.

A ciência da presente era tem a tendência de chamá-la de eletricidade, mas sou indiferente a tais nomenclaturas. A mesma Força permeia a minha navalha, a minha vaca no campo e o eu central que domina a minha mente: a mesma força em diferentes estágios de evolução. E essa Força persiste para sempre. São esses caminhos que obrigo a minha mente a percorrer diariamente. Diariamente ela é forçada a reconhecer que o Ego misterioso que a controla é uma parte dessa Força divina que existe de eternidade a eternidade e que, em seus derradeiros átomos, nada pode prejudicar. Com esse treinamento, até a mente, a mente grosseira e prática, enfim percebe que os acidentes mundanos não contam.

“Mas”, o leitor vai exclamar, “você só está repetindo o conceito da imortalidade da alma!” Bem, é verdade, mas de uma forma um pouco mais abstrata. (Eu nunca afirmei ter feito alguma nova descoberta.) Não me permito ser dogmático no que se refere à persistência da personalidade ou até da individualidade após a morte. No entanto, ao basear a minha vida física e mental na premissa de que há em mim um elemento indestrutível e essencialmente imutável, evito ir além do que a ciência sugere. Sim, se lhe dá prazer, chamemos esse elemento de imortalidade da alma. Se eu perder meu trem, se o meu alfaiate cair em desgraça ou se eu perder essa manifestação terrestre da Força que acontece de me ser tão preciosa, digo à minha mente: “Mente, concentre seus poderes na plena consciência do fato de que eu, seu mestre, sou imortal e que estou fora do alcance dos acidentes”.

E a minha mente, que a essas alturas já sabe que sou um mestre rigoroso,

segue obedientemente o meu comando. Será que eu, uma parte da Força Infinita que já existia bilhões de anos atrás e que existirá por mais bilhões de anos, permitirei me preocupar com qualquer evento terrestre físico ou mental? De jeito nenhum. Quanto às vicissitudes do meu corpo, esse servo do meu servo, é melhor que elas saibam se comportar e que não causem muito estardalhaço. Não que eu me deixe incomodar por qualquer problema que ocorrer em qualquer um desses envoltórios exteriores do eterno. O eterno é imbuído de tranquilidade e tem todas as razões para ser assim.

E você diz a si mesmo: “Aí está um homem defendendo, em um jornal semanal de um tostão, a meditação diária sobre a imortalidade da alma como uma cura para o descontentamento e a infelicidade! Que estranho fenômeno!” O simples fato de você estranhar trai os problemas da nossa época. Minha única resposta a você é esta: faça um teste. É verdade; admito abertamente que o exercício meditativo aqui proposto, apesar de destruir o medo, mata lentamente o desejo e contribui para uma certa indiferença elevada; e que a extinção do desejo, com a indiferença que a acompanha, seja ela elevada ou baixa, faz mal para a juventude. Não sou nenhum jovem, contudo, e hoje escrevo para aqueles que já provaram da desilusão, algo que a juventude ainda não provou. No entanto, não pense o leitor que eu desprezo as efêmeras alegrias deste mundo. A minha atitude em relação a elas de bom grado seriam como a de Sócrates, como assevera o incomparável Marco Aurélio: “Ele sabia como ser desprovido, e como usufruir, daquilo que, em sua ausência, a maioria dos homens se mostra débil e que, em sua fruição, destemperada”.

Além de comandar que a minha mente contemple a indestrutibilidade e a derradeira onipotência da Força que sou eu, também a comando a ponderar sobre a consequência lógica singularidade da Força que a ciência está começando a preconizar. A mesma Força essencial que sou eu também é você. Diz o provérbio indiano: “Conheci uma centena de homens na estrada para Délhi e todos eram meus irmãos”. Sim, e eram todos meus irmãos gêmeos e mil vezes mais próximos a mim que o conceito comum de irmãos gêmeos. Todos nós somos iguais em essência; o que nos separa são meras diferenças nos nossos respectivos estágios de evolução. Uma reflexão constante sobre esse fato deve produzir aquela simpatia universal que por si só é capaz de gerar um contentamento positivo. A meditação deve dar um fim a sentimentos ridículos como culpa, irritação, raiva, ressentimento.

Deve instituir na mente uma ampla tolerância. Enquanto um homem não for capaz de contemplar o ébrio em sua embriaguez e o perpetrador de violência doméstica em sua brutalidade com pura compaixão e tranquilidade; enquanto seu coração não se dirigir instintivamente a todas as manifestações da Força; enquanto não se vir dominado pela boa vontade sôfrega e inconquistável em relação a tudo o que vive; enquanto não abandonar completamente a prática presunçosa de julgar e condenar... ele jamais atingirá o verdadeiro contentamento. “Ah!”, você volta a exclamar, “ele não tem nada de novo para nos dizer além de ‘o mais elevado desses méritos é a tolerância!’” É verdade. Pode lhe parecer bizarro, mas não descobri nada de novo. Limito-me a lembrá-lo dos velhos fatos. É assim, gêmeos na estrada para Délhi, pela contínua meditação sobre a indestrutibilidade da Força, que tento cultivar a tranquilidade e é pela contínua meditação sobre a unidade da Força que tento cultivar a tolerância, plenamente convencido de que na tranquilidade e na tolerância reside o segredo de uma felicidade plácida, se não enlevada. Costuma-se dizer que ninguém pode ser feliz neste mundo. A minha opinião é que, quanto mais um homem pensa, mais feliz ele pode ser. E tenho dito. E estou esmagadoramente ciente de que falei de maneira grosseira, abrupta, inadequada, confusa.

[*] Eugen Sandow (1867–1925), pseudônimo de Friedrich Wilhelm Müller, foi um dos primeiros fisiculturistas, conhecido como “o pai do fisiculturismo moderno”.

[†] Termo que se refere ao campo da psicologia voltado a desvendar as leis do comportamento.

[‡] Referência à peça teatral “Casa de bonecas” (1879), do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, na qual Nora é uma marionete que depende de seu titereiro para todas as suas ações.

[§] N.T.: Herbert Spencer (1820 – 1903) foi um filósofo, biólogo, sociólogo e proeminente teórico político do liberalismo clássico, extremamente respeitado na Inglaterra e famoso por cunhar a expressão “sobrevivência do mais apto”.

[**] N.T.: A. C. Benson (1862-1925) foi um ensaísta, poeta e autor britânico, famoso por seu diário, documentado em cerca de 180 cadernos.

[††] N.T.: Mary Baker Eddy (1821-1910) foi a fundadora da Ciência Cristã, um novo movimento religioso nos Estados Unidos na segunda metade do século 19.

[‡‡] N.T.: Annie Wood Besant (1847-1933) foi uma teósofa, militante socialista, maçom, ativista e defensora dos direitos das mulheres, uma das mais notáveis oradoras da época e autora de uma vasta obra literária sobre teosofia.

[§§] N.T.: Na verdade, *A moradora de Wildfell Hall* foi um romance escrito por Anne Brontë.

[***] N.T.: Provável referência a Adlai Ewing Stevenson I (1835-1914), que serviu como o 23º vice-presidente dos Estados Unidos entre 1893 e 1897.

[†††] N.T.: Referência a São Paulo, em Coríntios 2, 11:19: “Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos”.

[+] N.T.: Provável referência ao reverendo Alfred Edward John Rawlinson (1884-1910), o segundo bispo da diocese da Igreja Anglicana na cidade inglesa de Derby.

[§§§] N.T.: Samuel Johnson (1709-1784), foi um poeta, ensaísta, moralista, crítico literário, biógrafo, editor e lexicógrafo britânico.

[****] N.T.: John Bright (1811-1889), foi um quacre, um estadista britânico radical e liberal, um dos maiores oradores de sua geração e um efusivo defensor das políticas de livre comércio.

[++++] N.T.: *Quiverfull* é um movimento seguido por alguns casais protestantes evangélicos e conservadores. O movimento promove a procriação e considera os bebês como uma bênção de Deus, rejeitando todas as formas de controle de natalidade, inclusive planejamento familiar e esterilização. O termo *quiverfull* (*quiver* + *full*) faz referência a Salmos (127:4): “*As arrows are in the hand of a mighty man; so are children of the youth. Happy is the man that hath his quiver full of them*”, em português “Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude”.

[++++] N.T.: Robert Chambers (1802-1871) foi um geólogo escocês, pensador evolucionista, autor e editor de jornais que teve uma enorme influência nos círculos científicos e políticos de meados do século 19.

[§§§§] N.T.: Gilbert White (1720-1793) foi um vigário e naturalista, um dos primeiros ornitólogos e estudiosos das ciências naturais da Inglaterra.

[*****] N.T.: Bennett se refere a *Ensaio sobre o princípio da população*, do economista britânico Thomas Malthus (1766-1834), que demonstrou que a população do mundo cresce em progressão geométrica enquanto a produção de comida cresce em progressão aritmética.

[+++++] N.T.: Durante grande parte da Era Vitoriana, entre 1826 e 1934 as loterias foram rigorosamente proibidas por lei no Reino Unido.

[+++++] N.T.: O Rapto das Sabinas foi o lendário episódio da história de Roma segundo o qual a primeira geração de homens romanos teria obtido esposas raptando as filhas das famílias sabinas vizinhas.

[§§§§§] N.T.: Samuel Johnson (1709-1784), também conhecido como Doutor Johnson, foi um escritor inglês que fez grandes contribuições à literatura inglesas como um poeta, ensaísta, moralista, crítico literário, biógrafo, editor e lexicógrafo. Johnson foi descrito como “talvez o mais distinto intelectual da história da Inglaterra”.

[*****] N.T.: Warren Hastings (1732–1818) foi um estadista inglês e o primeiro governador-geral da Índia entre 1773 e 1785. Ele foi acusado de corrupção e destituído do cargo em 1787, mas, após um longo julgamento, ele foi absolvido em 1795.

[+++++] N.T.: Thomas Babington Macaulay (1800–1859) foi um político e historiador britânico. Ele foi um ensaísta e crítico literário prolífico e seus livros sobre a história britânica foram aclamados como obras-primas literárias.

[+++++] N.T.: Do latim *Legenda aurea* ou *Legenda sanctorum*, trata-se de uma coletânea de biografias de santos e líderes eclesiásticos compilada por Jacobus de Voragine e que se tornou um best-seller no fim da era medieval.

[§§§§§§] *Essays of Elia* é uma coletânea de ensaios escrita por Charles Lamb, considerado um dos mais aprazíveis ensaístas ingleses, e publicada em forma de livro 1823. O tom pessoal e coloquial dos ensaios, escritos em primeira pessoa do ponto de vista da personagem Elia, encantou muitos leitores ganhou grande popularidade.

[*****] N.T.: Horace Walpole (1717–1797) foi um aristocrata, historiador de arte e romancista inglês. Além de ter inaugurado o romance gótico, ele também ficou famoso por suas *Cartas*, de grande interesse social e político.

[+++++] N.T.: Jehan de Mandeville, nome traduzido para o inglês como “Sir John Mandeville”, supostamente foi quem compilou as *Viagens de Sir John Mandeville*, um livro bastante popular que relata as supostas viagens, muitas vezes míticas, do autor. Acredita-se que o livro tenha sido originalmente escrito em francês anglo-normando entre 1357 e 1371.

[+++++] N.T.: Popular comédia musical que estreou em 1905 no Teatro Gaiety, em Londres, e que teve nada menos que 401 apresentações.

[\$\$\$\$\$\$] N.T.: “Dos mortos nada se diz a não ser o bem.”